



PUC
RIO

Terezinha Mello da Silveira

“A construção criativa na vida do casal: Limites e possibilidades do casamento contemporâneo”

Dissertação de Mestrado

Rio de Janeiro, 23 de abril de 1998

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO**

**Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>**

N.Cham. 150 S587 TESE UC

Título A construção criativa na vida do casal



Ex.1 PUCB

0135525

TERESINHA MELLO DA SILVEIRA

A CONSTRUÇÃO CRIATIVA NA VIDA DO CASAL: LIMITES
E POSSIBILIDADES DO CASAMENTO CONTEMPORÂNEO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Rio de Janeiro, março de 1998.

TERESINHA MELLO DA SILVEIRA

A CONSTRUÇÃO CRIATIVA NA VIDA DO CASAL: LIMITES
E POSSIBILIDADES DO CASAMENTO CONTEMPORÂNEO

Dissertação apresentada ao Departamento
de Psicologia da PUC/RJ como parte dos
requisitos para obtenção do título de Mes-
tre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Terezinha Fêres[✓]/Carneiro.

Departamento de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, março de 1998.

*Ao Haroldo, inspiração primeira deste estudo,
pelo que pudemos, juntos, repetir e transformar
em meio aos sabores e dissabores
do casamento contemporâneo.*

92150



150
S 587
TEST UC
EX. 1

Meus agradecimentos

À Dra. Maria do Carmo de Almeida Prado, pela confiança, carinho e estímulo antes mesmo de nascer este trabalho.

À Dra. Terezinha Féres-Carneiro, pela acolhida, respeito e disponibilidade que sempre demonstrou na orientação deste trabalho.

À Dra. Maria Helena Novaes, pelo interesse e pela colaboração com material de inestimável valor para fundamentar esta pesquisa.

A Carlos Eduardo Veiga e a Maria Cristina Milanes, com quem pude dividir as dúvidas, medos e alegrias na execução desta pesquisa.

A todos os colegas de turma do mestrado, aos professores e funcionários do Departamento de Psicologia da PUC/RJ, que das maneiras mais variadas contribuíram para a concretização desta dissertação.

A José Monteiro Grillo, pelas sugestões, opiniões e em especial pelos fins de semana altruisticamente dedicados à revisão deste trabalho.

Às minhas filhas, Andréia, Márcia e Teresa Cristina, porque sempre acreditaram que seria possível.

A Vânia Didier Contrucci, terapeuta querida, com quem sempre contei para acolher as angústias vividas na elaboração desta dissertação.

Aos meus clientes, que me levaram a refletir, questionar e aprofundar o tema estudado.

A todas as pessoas entrevistadas, que, num gesto magnânimo, abriram suas vidas íntimas, contribuindo para uma melhor compreensão do papel da criatividade no vínculo conjugal.

RESUMO

O presente trabalho provém das reflexões da autora, psicoterapeuta individual e de grupo, sobre a experiência clínica com pessoas casadas. As constantes queixas de desânimo, enfado e monotonia no relacionamento conjugal levaram ao estudo do papel da criatividade na vida do casal, dos recursos criativos de que se lança mão e da forma como a utilização desses recursos interfere na conjugalidade e na vida pessoal de cada cônjuge.

Observa-se aqui, pelo emprego de pesquisa de campo, o casamento contemporâneo no contexto das transformações sociais ocorridas no Brasil a partir da década de 1960. Nesse âmbito, a pesquisa fundamenta-se em duas vertentes. Primeiro, as dimensões da conjugalidade examinadas à luz de bibliografia selecionada. Segundo, a conceituação da criatividade de acordo com os princípios da Gestalt. A Gestalt-terapia concebe o viver criativo como fator de saúde e de mudança. Essa é a premissa do tema estudado.

Na pesquisa de campo, entrevistaram-se 16 pessoas casadas (oito homens e oito mulheres) — formalmente ou não — da classe média urbana do Rio de Janeiro. Essa amostra é representativa do grupo que tem acesso aos consultórios particulares de psicoterapia na cidade.

Com a ajuda das fontes bibliográficas e o exame do discurso dos entrevistados, foram elaboradas categorias de análise que permitiram verificar a importância da criatividade na relação conjugal. O emprego da criatividade no relacionamento a dois eleva o grau de satisfação na vida em comum e permite transformações saudáveis tanto no vínculo conjugal quanto em cada um dos cônjuges.

As mudanças decorrentes do emprego dos recursos criativos no casamento são diferentes nos homens e nas mulheres. As histórias pessoais e as fantasias sobre o casamento conduzem a concepções que podem servir de estímulo para criar ou de bloqueio ao progresso da relação.

ABSTRACT

The present work originated in the authoress' reflections on her clinical practice as an individual and group psychotherapist in treating married persons. The constant complaints about discouragement, weariness, and monotony led to the study of the role played by creativity in the couple's life, of the creative resources of which the couple makes use and the way in which the utilization of these resources affects the wedlock and the personal life of each member of the couple.

By means of the field work, the contemporary marriage is viewed in the context of the social changes that took place in Brazil as of the sixties. Within this scope, the research follows two tracks. First, the dimensions in the wedlock investigated in the light of the selected bibliography. Second, the conceptualizing of creativity according to the principles of Gestalt-therapy. The Gestalt conceives of the creative living as a factor of health and change. This is the basic premise of the work.

The field work included an interview with 16 married people (8 men and 8 women) — whether on formal or informal basis — from the urban middle class of Rio de Janeiro. This is a representative sample of the group that can afford to frequent private consultation rooms in the city.

The bibliographical sources and the examination of the interviewees' speech lent support to the establishment of analytical categories which allowed to find the importance of creativity in the couple's life. The presence of creativity in the relationship increases the degree of satisfaction with the marriage and allows salutary changes both in the wedlock and in each of the partners' personal life.

The changes proceeding from the use of creative resources in the marriage vary according to the sex. The individuals' stories of life and fantasies about the marriage lead to conceptions that can either act as a spur to creativity or as a hindrance to the progress in the relationship.

SUMÁRIO

- 1 — INTRODUÇÃO, 1
- 2 — O RELACIONAMENTO CONJUGAL NO CASAMENTO CONTEMPORÂNEO, 6
 - 2.1 — Mudanças e crises nos casamentos contemporâneos, 6
 - 2.2 — A construção do relacionamento a dois, 16
 - 2.3 — Aspectos saudáveis e patológicos do relacionamento conjugal, 21
- 3 — O CONCEITO DE CRIATIVIDADE E A GESTALT-TERAPIA, 27
 - 3.1 — Criatividade, saúde e mudança, 27
 - 3.2 — A contribuição de autores da Gestalt-terapia, 33
 - 3.3 — A Gestalt-terapia como facilitadora da utilização do potencial criativo, 37
- 4 — O PAPEL DA CRIATIVIDADE NA RELAÇÕES CONJUGAIS: OS LIMITES DO “EU” E OS LIMITES DO “NÓS”, 42
 - 4.1 — O casal criativo, 43
 - 4.2 — Obstáculos à criatividade na vida conjugal, 47
- 5 — PESQUISA DE CAMPO, 52
 - 5.1 — Método de coleta de dados, 52
 - 5.2 — Instrumento, 52
 - 5.3 — Participantes, 53
 - 5.4 — Procedimento, 54
 - 5.5 — Análise e discussão do material obtido, 55
 - 5.5.1 — Cotidiano, 56
 - 5.5.2 — Interesses diferentes e relação conjugal, 57
 - 5.5.3 — Criatividade e vida em comum, 58
 - 5.5.4 — Transformações na relação a dois, 59
 - 5.5.5 — Mudanças pessoais a partir do casamento, 60
 - 5.5.6 — Realização dos sonhos, 61
 - 5.5.7 — Filhos, 63
 - 5.5.8 — Sexo, 64
 - 5.5.9 — Dinheiro, 66
- 6 — CONCLUSÕES, 69
- 7 — REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, 78

1 — INTRODUÇÃO

*Está no fato de poder-se pensar que se pode
fazer outra coisa, às vezes o amor.*
Maria do Carmo de Almeida Prado

Como psicóloga clínica, a autora deste trabalho tem observado as queixas de pessoas casadas que revelam desânimo com o dia-a-dia do casamento. O enfado e a monotonia prevalecem no convívio e ocasionam decepções e discórdias.

Esses conflitos podem ser elucidados pela investigação do papel da criatividade na vida conjugal. Assim sendo, sem pôr de lado a influência que as forças da sociedade e da cultura exercem no indivíduo, no casal e na família, é possível verificar o funcionamento do casal, em que medida esse funcionamento é saudável, o que favorece as mudanças no casamento e a partir dele e se tais mudanças são satisfatórias ou não.

No Brasil, os conflitos conjugais atuais inserem-se no quadro de transformações ocorridas desde o início do século e que se acentuam na década de 1960, quando movimentos sociais decisivos estremecem o modelo matrimonial vigente e trazem conflitos e crises ao relacionamento do casal, cenário bem observado nos dias de hoje. A classe média urbana é sacudida pela emergência de novas regras e novos valores que põem os casais diante de antagonismos, ambigüidades e paradoxos firmados entre a manutenção de um modelo de casamento bem conhecido e a descoberta de outros modelos alternativos.

Ao modificarem-se as crenças e os valores, modificam-se as pessoas e, conseqüentemente, os relacionamentos. Contudo, essas mudanças não ocorrem sem crise. O desafio do novo em confronto com a comodidade do conhecido gera conflitos e dúvidas. Assim, os casais vivem a crise transformadora da realidade presente.

Mencione-se, a título de ilustração, uma reportagem veiculada pelo *Jornal Nacional*, da TV Globo, em 25 de novembro de 1995, em que se apresentou uma pesquisa feita pelo IBGE sobre os modelos atuais de casamento. Algumas da

conclusões da pesquisa foram as seguintes: 1) está diminuindo o número de casamentos formais e aumentando outras formas de união; 2) as pessoas casam-se mais vezes (duas ou três); 3) nos casais separados, os filhos geralmente ficam com as mães; 4) aumentou o número de famílias em que os filhos maternos e os filhos paternos não são irmãos; 5) na maioria das vezes as mulheres é que pedem a separação.

Como se vê, existe uma diversidade de padrões de relacionamento conjugal que são como maneiras de fornecer às pessoas casadas satisfação afetiva e sexual. De fato, tratando-se da classe média urbana, os múltiplos estilos de vínculos conjugais da atualidade divergem bastante do modelo único que vigorava no início do século, em que homens e mulheres tinham papéis bem definidos, ou seja, o homem era o dono da vida da mulher, o patriarca a cujo domínio a mulher se submetia, concordando passivamente com os padrões culturais da época.

Evidentemente, a subjetividade humana não obedece ao ritmo acelerado das mudanças externas. Assim, as pessoas casadas deparam por vezes com dúvidas, conflitos e impasses que as levam a recorrer a um atendimento clínico. Diante dessa situação, os aspectos construtivos e destrutivos do relacionamento conjugal representam importante material para reflexão.

A vida em comum e a vida de cada membro de um casal pode tornar-se pobre quando, na dinâmica conjugal, prevalece a repetição. A escolha amorosa implica compartilhar sonhos inconscientes transmitidos, mitificados e fantasiados que se encaixam como num jogo e que conferem determinada conformação ao universo conjugal. Quando, nesse mútuo jogo de encaixes, prevalece a saúde, o par pode crescer em conjunto e individualmente. Caso contrário, por uma necessidade de resolução de situações passadas que apresentam conteúdos emocionais fortes, a doença instaura-se no relacionamento, e é quase impossível promover mudanças saudáveis. A frustração decorrente dos sonhos não realizados deixa as marcas do fracasso no engajamento amoroso. Surgem então a violência, a apatia e o distanciamento, exemplos de complicações que se interpoem entre marido e mulher e impedem o funcionamento saudável do casal.

Sem saber lidar com as diferenças, sem perceber com clareza a realidade, presos a suas histórias passadas não resolvidas, os cônjuges mantêm-se juntos numa relação quase morta.

É preciso livrar-se dos fantasmas do passado e desfazer tramas antigas que são obstáculos a uma vida mais plena, porque não permitem uma boa percepção da realidade presente. O indivíduo enredado nas malhas das predições míticas, dos discursos falidos, das experiências familiares traumatizantes perde a identidade e mescla-se ao cônjuge, deixando pouco espaço para as diferenças. Conquanto a fantasia de unidade faça parte do início das relações apaixonadas, a permanência da fusão suprime a possibilidade de pensar, agir e sentir de maneira diferente do outro; daí eclodem as mágoas, os ressentimentos, e os sonhos de unidade transformam-se em discordâncias e brigas por qualquer motivo. Os castelos construídos antes do casamento tendem a desmoronar, e o companheiro, antes concebido como a complementaridade perfeita, torna-se alvo de acusações de injustiça e traição. É comum, então, os cônjuges sentirem-se enganados um pelo outro, mas, na realidade, as suas próprias percepções distorcidas é que os iludiram. Nesses casos, não há correspondência entre o imaginado e a realidade.

A intimidade e a proximidade próprias das relações amorosas oferecem um solo fértil para reconduzir o casal a questões antigas em que estão em jogo emoções extremas como ódio, amor, medo que acentuam as distorções no relacionamento atual e na vida de cada cônjuge individualmente. Ficam descartadas desse modo quaisquer possibilidades de uma vida saudável.

Entretanto, assim como é possível identificar aspectos patológicos na relação conjugal, o trabalho terapêutico pode apontar recursos que contribuem para construir (ou reconstruir) criativamente um relacionamento. Talvez por causa da demanda terapêutica, os trabalhos teóricos sobre o assunto apontem com mais frequência para o lado da destrutividade e da doença do que para o lugar da construção criativa na relação a dois. É justamente dos aspectos da construtividade no convívio conjugal nos casamentos atuais que trata este es-

tudo. Qual seria o lugar da criatividade no universo conjugal, com suas peculiaridades, entraves e interrupções?

Com base nos dados apresentados e na experiência da autora como psicoterapeuta individual e de grupo em clínica privada, propõe-se investigar como os processos criativos favorecem a interação do par na relação conjugal e que aspectos da conjugalidade propiciam a criatividade individual de cada cônjuge.

O referencial teórico escolhido é o da Gestalt-terapia, por tratar-se de abordagem que trabalha com as interações humanas e que considera a criatividade como fator de saúde e mudança.

A premissa básica do trabalho é que a renovação na vida a dois é necessária para que ocorram encontros saudáveis, em que cada pessoa envolvida na relação saia nutrida, graças principalmente à utilização de seu potencial criativo. A criatividade é um potencial inerente a qualquer ser humano, e essa é a perspectiva adotada na realização do presente trabalho.

Sendo o casal o primeiro núcleo da família, é importante considerar as dimensões da conjugalidade em seu funcionamento saudável e/ou patológico segundo um contexto histórico. Para tanto, recorre-se a proposições teóricas de diferentes abordagens que contribuem para a formulação das hipóteses usadas neste trabalho.

Deu-se corpo, assim, ao Capítulo 2, que fornece a fundamentação teórica para uma pesquisa de campo com pessoas casadas atendidas em consultório particular de psicoterapia. Uma análise mais pormenorizada das variadas formas pelas quais pode ser conceitualizada a criatividade permite constatar a pertinência do arcabouço teórico da Gestalt-terapia no que se refere ao assunto estudado. Está composto dessa maneira Capítulo 3.

O Capítulo 4 dedica-se a refletir sobre a importância da criatividade no universo conjugal, levando-se em conta o binômio conjugalidade—individualidade.

A metodologia da pesquisa obedeceu às normas de um estudo de campo. Foram entrevistadas 16 pessoas casadas da classe média urbana do Rio de Janeiro.

Surgiram da fundamentação teórica e do discurso dos entrevistados nove categorias temáticas, a saber: cotidiano, interesses diferentes na relação conjugal, criatividade e vida em comum, transformações na relação conjugal, mudanças pessoais a partir do casamento, realização dos sonhos, filhos, sexo e dinheiro.

Para proceder à pesquisa de campo, que compõe o Capítulo 5, foram selecionados diversos aspectos da conjugalidade apontados na literatura da área.

As conclusões, finalmente, oferecem uma compreensão ampla de como se processa a criatividade na vida conjugal e de como, a partir do casamento, cada cônjuge pode tornar-se mais criativo.

A realização deste estudo é relevante porque o trabalho com casais na abordagem gestáltica está em fase inicial e não se tem conhecimento de pesquisa semelhante no Brasil. Ademais, a Gestalt-terapia é uma corrente voltada para os aspectos de criatividade e saúde, e, nesse sentido, esta pesquisa também é uma contribuição importante para a psicoterapia individual com pessoas casadas.

2 — O RELACIONAMENTO CONJUGAL NO CASAMENTO CONTEMPORÂNEO

*Tens sido vida para o meu desejo
E agora, que te falo, que te vejo
Não sei se te encontrei... se te perdi...*
Florabela Espanca

2.1 — Mudanças e crises nos casamentos contemporâneos

Tradicionalis ou alternativos, o fato é que os casamentos continuam acontecendo. As pessoas ainda não estão dispostas a abrir mão dessa instituição de origem remota. É verdade que nos últimos tempos o casamento tem assumido formas novas e variadas, que são vistas por uns como sinais de falência e por outros como tentativa de ultrapassar o antigo modelo. De todo modo, o casamento persiste como uma maneira de os membros de um casal buscarem suas satisfações afetivas, sexuais e emocionais.

Presentes como o casamento são os conflitos conjugais. A prática clínica oferece um campo fértil para que essas questões sejam expostas de forma significativa.

Em pesquisa intitulada "Aliança e sexualidade no casamento e no recasamento contemporâneo", Féres-Carneiro (1987) afirma que

É cada vez maior o número de casais que procuram os consultórios particulares e as instituições de atendimento psicológico em busca de terapia conjugal. Entre estes é também cada vez maior o número dos que são recasados, ou seja, dos que estão vivendo uma relação de segundo, terceiro ou subseqüentes casamentos. (p. 251)

Tratando-se de relação tão íntima, o matrimônio é ambiente propício para a atualização de situações antigas ligadas a poder, sexo, competição e morte. Verifica-se ainda que a paixão comum no início do relacionamento leva os casais a se iludirem pensando que o outro é parte de si e o completa. Assim, ao perceber que o outro não é o objeto concebido, a pessoa decepciona-se e sente-se incompreendida, traída e incapaz.

A clínica de casal está repleta de relatos e vivências no aqui-e-agora do *setting* terapêutico, onde imperam a competição, a desqualificação, a desconfiança mútua e as alianças perversas com papéis intercambiáveis de vítima e carrasco.

Num mundo de mudanças rápidas, considerar apenas aspectos intrapsíquicos é fazer uma análise precária. O casal, a família, o indivíduo não podem ser observados isolados da sociedade. A organização social exerce pressão considerável sobre eles e imprime suas marcas de diferentes maneiras, tanto no desenvolvimento da personalidade da criança como, em decorrência disso, na relação interna do casal (Lemaire, 1979).

O objetivo desta seção é compreender o que está acontecendo com os casais da camada média da população do Rio de Janeiro, clientela que tem acesso aos consultórios particulares de psicoterapia, frente às constantes transformações sociais da época. Para tanto, apresenta-se um breve histórico da evolução do casamento moderno desde o início do século, a fim de contextualizar o tema.

A união conjugal do início do século XX tinha como valor precípua a sua manutenção a qualquer preço, conforme a expressão “até que a morte nos separe”. Nesse tipo de união as mulheres se dedicavam mais aos afazeres domésticos e aos cuidados com a educação dos filhos. As mulheres eram educadas para desenvolver habilidades que pudessem contribuir para o seu futuro como dona de casa. Importância maior era dada então ao homem, respeitado por possuir a força de trabalho. A árdua tarefa da mulher em seus afazeres domésticos era desconsiderada, e ela ficava em segundo plano, encarada como frágil, submissa e subalterna ao homem, carecendo da proteção masculina e esperando do marido o reconhecimento por seus feitos no pequeno mundo que lhe cabia. Ficavam assim bem explicitados os papéis de homem e de mulher: a vida privada era o reduto desta e a vida pública cabia aos homens. As relações estabelecidas verticalmente tinham no extremo superior o homem capaz de, com sua força e racionalidade, resolver os problemas mais “sérios” da família, como provedor do sustento dela. Tal desigualdade era aceita e muitas vezes reforçada pelos valores sociais da época, e como cada um tinha de desempenhar o seu papel, qualquer preocupação com a satisfação de necessidades afetivas – da mulher principalmente, cujo trabalho e corpo pertenciam ao marido – era deixada de lado. A confirmação de um casamento feliz estava na sua duração. A presença do “nós” encobria a vivência, muitas vezes dolorosa, de cada membro do par.

Após a década de 1930, as mulheres passam a ter mais acesso à educação. O curso normal e o magistério primário eram as metas desejadas. Profissões femininas passavam então a ser uma extensão da casa; porém, mesmo assim muitas mulheres deixavam de trabalhar ao casar-se.

O crescimento urbano passou a requerer mais profissionais liberais, funcionários públicos, comerciantes e pequenos industriais, incluindo de forma ainda tímida a participação feminina, à qual eram infensos os valores patriarcais dominantes. Começam a surgir de forma mais nítida as questões ligadas ao papel e ao lugar da mulher em casa e fora dela.

O avanço da industrialização, as mudanças socioeconômicas significativas, a produção em massa, o crescimento da alfabetização, a maior participação política dos membros da sociedade, a televisão como meio de comunicação, a ênfase na racionalidade, na autonomia, na independência, na crescente valorização do indivíduo e o aumento da oferta de bens de consumo, a partir dos anos cinqüentas vão refletir diretamente na conjugalidade. Nessa época, dos anos dourados e de amor romântico, começam a ser mais notadas as investidas do consumismo na vida do casal. Casar-se com “um bom partido” era o primeiro passo para a ascensão social da mulher. Os casais de classe média se envolviam em investimentos vários para elevar cada vez mais o seu padrão de vida antes restrito a um número ínfimo da população. Nessa época ainda estão bem marcados os papéis dicotômicos entre homem e mulher, e havia já um tanto de competição entre eles. No final da década de 1950 e início da de 1960, começam a ocorrer mudanças significativas. O advento da pílula anticoncepcional, o movimento feminista e a decorrente emancipação da mulher e maior liberdade sexual, os movimentos da contracultura, o aumento da freqüência das mulheres nas universidades, o arrefecimento da religiosidade, a participação ativa das mulheres na política em condição igual à dos homens modificaram rápida e acentuadamente a vida do casal. As relações conjugais passam a ser regidas por valores mais individualistas, e o casamento deixa de constituir um fim em si mesmo. A década de 1960 no Brasil e no mundo foi marcada pela ação de grupos que, numa crítica aos valores burgueses, se organizavam em vários movimentos. A luta contra o regime militar e o capitalismo do final da

década denotava um combate ao autoritarismo do qual também era vítima a mulher.

As concepções autoritárias de então fizeram surgir, por sua vez, um lado conservador de muitos jovens, e o medo de punição do início dos setentas, auge da repressão militar, fez com que temporariamente se pusessem de lado os ideais de transformação.

A década de 1970 é período de expansão econômica brasileira. As grandes empresas nacionais, multinacionais e estatais concentram o capital. A classe média, agora portadora de valores mais individualistas, amplia-se e diversifica-se nas ocupações mais variadas. No meio urbano as mulheres ingressam nas áreas técnicas, antes quase que totalmente masculinas, obtendo rendas equivalentes às dos homens. Uma certa frieza emocional marca os indivíduos nessa época, voltados que estavam para lutar, produzir e obter lucros. Muitos códigos de comportamento da geração anterior foram rompidos. No que concerne ao casamento, a principal mudança deve-se aos movimentos contra a discriminação sexual, que pregam idéias favoráveis à igualdade dos sexos. Em 1977, é promulgada a lei do divórcio, fato que provoca abalo na dominação masculina. As mulheres, no entanto, permanecem responsáveis pela educação dos filhos e pelos cuidados com a casa, além de se submeterem a dupla carga de trabalho.

Chega-se à década de 1980. As promessas da década anterior não foram cumpridas. De um lado, abertura política, redemocratização, e de outro, crise econômica e explosão social que atingem em cheio a privilegiada classe média. A sociedade de consumo torna-se limitada e circunscrita. Há uma queda no poder aquisitivo da classe média paradoxalmente no momento em que os estímulos ao gasto aumentavam. Há uma ampla indigência socioeconômica e cultural. Os modelos centralizadores de planejamento e administração precisam de reformulação frente aos impasses privado *versus* público, local *versus* central, particular *versus* geral, micro *versus* macro. Desenvolve-se assim uma política de retração dos gastos públicos. Prolifera o trabalho informal, o desemprego, o subemprego e a delinqüência. Constantemente voltada para o inacessível, a classe média espelha impotência. Os homens já não se vêem tão fortes, e as

mulheres não sabem em que e em quem confiar. A crise do Estado-Providência atinge as famílias.

O neoliberalismo parece agora o caminho natural a seguir. As idéias dominantes passam a ser a flexibilização e a globalização da economia. Uma suposta integração mundial cria novas necessidades e faz circular novos valores em velocidade jamais vista.

As relações de casamento, ainda norteadas pela busca de satisfação afetivo-sexual, atingidas pela modernização, trazem sinais de destruição e recriação, pontuados por relacionamentos convencionais que insistem em se manter iguais na tentativa de fechar um ciclo que se esgotou e, ao mesmo tempo, ressurgem com estilos novos como manda o padrão mundial de consumo. Isolados e com famílias reduzidas, os membros do par dividem-se entre atividades domésticas e trabalho, embora a maior parte dos afazeres ainda caiba à mulher. As mulheres, contudo, estão mais seguras e independentes.

Esse conjunto de mudanças sociais, econômicas e políticas produz, então, o modelo do casamento contemporâneo, que já apresenta os indícios de fragmentação típicos da pós-modernidade.

As formas e conteúdos de casamento e família que há cerca de duas décadas vêm se difundindo e ganhando legitimidade entre segmentos das classes médias urbanas compartilham muitos dos traços que em diferentes áreas do pensamento, da arte e da cultura conformaram-se como uma tendência pós-moderna. Na literatura, na arquitetura, na arte e no discurso filosófico, nas práticas econômicas e políticas, assim como no casamento e na família, a heterogeneidade, a pluralidade, a flexibilidade, a instabilidade e a incerteza tornaram-se regra. (Vaitsman, 1994, p. 18)

Desse ponto de vista, não existe no momento um único modelo familiar, e sim a coexistência das mais variadas formas de conjugalidade, conforme acrescenta Vaitsman (1994):

De maneira mais precisa, o que caracteriza a família e o casamento numa situação pós-moderna é justamente a inexistência de um modelo dominante, seja no que diz respeito às práticas, seja enquanto um discurso normatizador das práticas. (p. 19)

De acordo com a afirmação de Vaitsman, o casamento moderno não está esgotado, visto que um modelo novo não o substituiu. Se por um lado tudo muda muito rápido, alguns padrões permanecem ou até mesmo retornam a uma outra época antes considerada ultrapassada. O importante aqui é que

existe a convivência lado a lado de relações alternativas, tais como casamentos duradouros, casamentos de pouca duração, casamentos abertos, múltiplos casamentos, recasamentos e ainda casais homossexuais – que, embora não façam parte deste estudo, obedecem à mesma dinâmica. Casais que permanecem sob o mesmo teto sem terem mais uma relação marital e que por vezes já se envolveram em outras relações afetivas, sofrem com as mesmas dúvidas, as mesmas angústias, as mesmas necessidades afetivas dos casais de cinqüenta anos atrás. “As normas do funcionamento familiar têm uma dependência em relação à cultura e aquilo que é considerado adequado em determinada sociedade pode ser patológico em outra” (Féres-Carneiro, 1996, p. 13).

A diversidade dos modelos provoca crises. O modelo atual das relações conjugais inclui a colisão, interpenetração e coexistência de estilos, e é preciso compreender o que essa multiplicidade está provocando na vida em comum dos casais da atualidade.

Lasch (1979), ao se referir às formas de interações atuais, fala sobre o “culto de relações interpessoais pouco exigentes” (p. 183). Pode-se pensar em como as pessoas demonstram atualmente dificuldade para arcar com suas escolhas e decisões. Nesse sentido, a flexibilidade e a instabilidade típicas do mundo de hoje podem mascarar uma total falta de comprometimento, o que estaria presente também nas relações conjugais. Por outro lado, não se pode entender tal falta de comprometimento no casamento sem considerar ingredientes como amor, sexo e companheirismo, os quais estão ligados diretamente à maneira de investir numa relação. Logo, ao analisar mais detalhadamente como as transformações sociais permeiam o casamento, esses aspectos afetivos devem ser considerados.

Do ponto de vista dos afetos, Badinter (1983) justifica assim a pouca durabilidade da relação:

Ao contrário da idade clássica, que tinha uma consciência aguda da contingência do amor e recusava construir uma união sobre uma base tão frágil, damos a prioridade absoluta ao que há de mais irracional e de mais inconstante em nós. (p. 265)

No entanto, é preciso pensar que mesmo o amor adquire significados diferentes em momentos diferentes. A citação de Badinter aponta para outras

questões ligadas ao contexto em que se vive e que se referem ao descartável, ao facilmente substituível, ao facilmente consumível. As malhas da rede sociocultural envolvem as relações amorosas, e é nesse contexto que se compreendem os relacionamentos conjugais do casamento contemporâneo.

Em outra passagem, Badinter mostra as vicissitudes do amor narcísico.

As intermitências do coração não são o sinal da leviandade de nossos amores. Estes são contingentes por necessidade de perfeição. A unidade procurada é muito mais exigente do que outrora, por isso temos tanta dificuldade em realizá-la e fazê-la durar. A qualidade e a intensidade da relação avançando sobre todo o resto, a indiferença, as falhas ou conflitos, fazem explodir a unidade, e põem em jogo a sobrevivência do casal. Para que continuar se não se é um? [destaque nosso] (p. 266)

Se é verdade que o amor se encontra na total unidade, não há como mudar a pouca duração dos casamentos atuais e fundamentalmente a frustração que daí resulta, cuja saída está na possibilidade de aceitar a incompletude, tolerar a ambivalência e articular formas outras que mais harmonizem liberdade individual, preocupação com o outro e convivência com o meio para uma melhor vida em comum e não obrigatoriamente uma longa vida em comum. Em outra parte deste trabalho discutir-se-á com mais detalhes esta questão. Por ora é cabível dizer que os “amores” destacados na citação, que também podem ser chamados de amor apaixonado, fazem parte do início da maioria dos relacionamentos a dois e incluem muita fantasia e expectativa a respeito do parceiro. Mas, em relações duradouras, embora ele possa manter-se de forma ocasional, na maior parte do tempo, como uma demanda da vida em comum, que deve ser pautada numa vivência mais real, ele se transforma em amor companheiro, situação em que o um-mais-um transforma-se no encontro de dois.

Assim é que, mesmo enfrentando dificuldades, os membros do casal contemporâneo buscam no parceiro um companheiro com quem divida não só as atividades práticas, mas também as angústias, as questões familiares e as vivências íntimas. O companheirismo é a aliança que une amor, responsabilidade, disponibilidade para o outro, entrega e sexo.

Quanto ao sexo, embora não esteja obrigatoriamente ligado ao casamento, Giddens (1992), a propósito de uma pesquisa feita por Lillian Rubin em 1989, relata:

Rubin mostra que muito mais é esperado sexualmente do casamento, tanto pelas mulheres quanto pelos homens, do que em geral ocorria nas gerações anteriores. As mulheres esperam tanto receber quanto proporcionar prazer sexual, e muitas começaram a considerar uma vida sexual compensadora como um requisito chave para um casamento satisfatório. A proporção de mulheres casadas há mais de cinco anos que têm encontros extraconjugais é, hoje em dia, virtualmente a mesma que aquela dos homens. O padrão duplo ainda existe, mas as mulheres não são mais tolerantes diante da perspectiva de que – enquanto os homens necessitam de variedade e pode-se esperar que se envolvam em aventuras extraconjugais – elas não se comportem do mesmo modo. (pp. 21 e 22)

Apesar de ser uma pesquisa norte-americana, o quadro brasileiro não é muito diferente no que diz respeito à classe média. Também na vida sexual dos casais da atualidade as transformações sociais deixam suas marcas.

Avançando na compreensão de como as mudanças imprimem seus sinais no casamento contemporâneo, pode-se recorrer a Lasch (1979):

De todas as instituições, a família é a que mais resiste à mudança. No entanto, dada a sua importância, as mudanças em seu tamanho e estrutura, em sua organização emocional e em suas relações com o mundo externo, tem uma enorme influência sobre o desenvolvimento da personalidade. Por sua vez, as mudanças na estrutura do caráter acompanham ou sustentam as mudanças na vida econômica e política. (p. 26)

As afirmações de Lasch abrem espaço para uma reflexão sobre que personalidade emergiu dos movimentos de 1960 para cá. Uma nova identidade pautada no indivíduo, uma outra posição social, uma multiplicidade de papéis e o relativo “abandono” do papel de “rainha do lar”, tudo isso acontecendo muito rápido, levaria a mulher provavelmente a experiências de fragmentação. Como a maternidade ainda é bastante marcante, os papéis de mãe e esposa são levados aos ambientes públicos algumas vezes colidindo com a vida profissional, outras permeando-a. As instabilidades do casamento talvez estejam ligadas a essa identidade contemporânea, que pode produzir crises, insatisfações e crescimento individual.

O homem, por sua vez, há muito tempo perdeu o lugar de figura de força e poder com quem o filho tinha de disputar e a quem deveria admirar, amar e odiar. Com o poder esmaecido, primeiro pela autoridade pública e depois pelas próprias mulheres, o homem aloja-se num lugar mais distante dentro da família. Mas, ainda iludido e talvez na tentativa de resgate de uma posição que

não existe mais, ele desempenha seu papel obsoleto por meio do assédio sexual, da violência física ou algumas vezes invertendo os papéis e se mostrando submisso e impossibilitado, esperando que, como antigamente faziam as mulheres, lhe seja delegado um lugar superior.

Outro fator por considerar é que no processo de modernização, as relações de casamento, que incluíam papéis bem definidos, respeitando uma ordem hierárquica, passaram para relações em que os papéis e atribuições do marido, da mulher e dos filhos não têm contornos nítidos. Surge então a família igualitária.

Vaitsman (1994) resume essas mudanças da seguinte maneira:

A modernização no plano da subjetividade e da família seria muitas vezes aparente, com a persistência de elementos tradicionais coexistindo com comportamentos aparentemente modernos. No campo da subjetividade as mudanças profundas são mais lentas, nem sempre acompanhando o passo da mudança social, evidenciando-se as dificuldades de se usar a categoria modernização na análise de processos que dizem respeito a um campo subjetivo. (p. 14)

Para ilustrar a passagem, mencione-se a família cuja mãe é uma brilhante profissional da área tecnológica e que à noite conta histórias de príncipe encantado para a filha, o que é uma boa metáfora para o casamento atual.

Desse modo, a contradição está impressa nos homens e nas mulheres que hoje se casam, e a convivência de valores antigos com novos não é tão tranqüila como se esperava que fosse.

Tudo o que foi relatado até aqui aponta para conclusões que, por sua vez, abrem-se para outras interrogações, como também é característico dos dias atuais. Não há mais espaço para verdades definitivas.

Do ponto de vista político-social, os movimentos da década de 1960 foram decisivos para as mudanças no casamento. Os papéis de homem e de mulher foram abalados quanto à posição de cada um em casa e fora dela e quanto ao poder patriarcal, e as mulheres foram agentes decisivos nessas mutações. Homens e mulheres passam a aspirar a mais autonomia, igualdade e satisfação emocional.

As relações conjugais tornam-se mais instáveis, na busca de igualdade e da individualidade de cada membro do par. Elas se apóiam agora, quase somente, na satisfação emocional.

Padrões de relações, antes vistos como desvio, passam a conviver com relações formalizadas, havendo uma heterogeneidade nos relacionamentos afetivo-sexuais. Não desaparecem os traços do modernismo, surgem outros que convivem com os antigos.

Não se confia mais que duas pessoas são feitas uma para a outra. O casamento não é mais para toda a vida.

Multifacetado, com uma variedade enorme de papéis, sem tempo para explorar-se em cada mudança que acontece, o sujeito de hoje vê-se fragmentado, mais do que nunca dividido entre o sentir, o pensar e o agir.

Apesar da descrição aqui apresentada referir-se quase totalmente aos centros urbanos do Brasil e em particular ao Rio de Janeiro, não há desconsiderar o contexto mundial, numa época em que a comunicação de amanhã chega hoje, em que há uma intensificação das práticas transnacionais e internacionais, em que se fala em turismo interplanetário, da rede planetária de informações, da transnacionalização da lógica do consumo, do descartável, do estímulo propagandístico visual e auditivo.

Nesse ponto, a reflexão de Santos (1995) é útil para mostrar como o indivíduo de hoje se comporta na relação conjugal. Santos afirma que a igualdade entre os sexos mascara a guerra competitiva, estando a mulher agora em disputa por um poder também patriarcal ou machista. O individualismo tão propagado situa-se num processo de massificação, de pasteurização, não se podendo separar o individual do que é produzido pela mídia. A vida íntima tornou-se tão pública que a privacidade também é um conceito social. Ensina-se de maneiras diferentes como as pessoas devem agir para, por exemplo, conseguir o prazer sexual. A liberdade de expressão é inaudível. Não se percebe que escolhas são feitas pelos outros, e para as pessoas não se verem como alienadas, fala-se em liberdade de escolha. Não há tempo para agir depois de pensar. Compram-se conceitos prontos de democracia. A participação política cedeu lugar ao conformismo, ao abstencionismo e à apatia. Fala-se em igualdade, estimula-se a competição e valoriza-se o dinheiro. As interações

globais levam à desterritorialização e com isso há maior possibilidade de contradição. Contradição é exatamente o que define o casamento de hoje.

2.2 — A construção do relacionamento a dois

Uma vez compreendidos os liames históricos do casamento contemporâneo, pode-se entender melhor como se dá a construção do relacionamento a dois com base nesse contexto. Tratando-se de uma relação em que cada pessoa busca na outra a satisfação de suas necessidades emocionais, afetivas e sexuais, torna-se relevante refletir aqui sobre as formas pelas quais são constituídas as relações conjugais, a escolha amorosa, os sonhos e as aspirações, os valores pessoais, a história familiar da maneira pela qual foi impressa em cada membro do par, as quais mostrarão as peculiaridades de um relacionamento conjugal particular do casamento atual.

Optou-se, nestas reflexões, por posições articuladas, de diferentes enfoques teóricos, que pudessem fortalecer o que se demonstra neste capítulo. Nesse sentido, Féres-Carneiro (1996) sintetiza e articula as abordagens sistêmicas e psicanalíticas nos níveis teórico e prático do trabalho com casais e famílias. Féres-Carneiro afirma que

Estas duas concepções teóricas e as práticas delas decorrentes não podem deixar de considerar que a família e o casal são grupos organizados auto-regulados, com uma linguagem própria, regras próprias de funcionamento e mitos próprios. (p. 110)

Nessa mesma linha de pensamento, Calil (1987) chama a atenção para a ligação direta que existe entre o mundo interno, inconsciente da família, e as experiências externas. Dessa maneira, fantasias, conflitos e necessidades inconscientes da família, enfatizadas pela psicanálise, dão origem, nutrem e sustentam a estrutura, as formas de interação e a comunicação com a concepção sistêmica. Por outro lado, alianças, coalizões e aglutinações ou desengajamentos do sistema carregam, de forma subjacente, a fantasia do grupo.

Nesse particular, a abordagem gestáltica considera que o inconsciente está sempre presente na fronteira de contato (conceito que será desenvolvido no

próximo capítulo), na fronteira onde ocorre o intercâmbio entre o indivíduo e o meio; assemelha-se à concepção de Calil, segundo a qual

Não estamos frente a um processo de polarização entre importante versus trivial, relevante versus irrelevante, profundo versus superficial. Mas sim, frente a processos que se complementam, se enriquecem e nos fornecem de todo e integridade. (p. 164)

Um casal pode constituir-se por diversos caminhos. Por exemplo, um casal muito jovem pode formar-se a partir de promessas de uma realização futura em que a marca do vínculo são as expectativas de realização e a promessa de cumprimento das obrigações. Alguns casais se unem para ter maior autonomia e sair de um esquema familiar opressivo. Outros, para satisfazer mais os sonhos de terceiros, como os pais ou amigos casamenteiros. Há ainda aqueles que reúnem alguns interesses comuns, mas não têm compromisso com uma intimidade na vida em comum. Pode-se falar ainda dos enlaces de pessoas pouco sonhadoras que não têm muitas expectativas quanto ao companheiro, desejando no entanto que ele não mude. Encontram-se também casais, em geral mais velhos, que buscam no par um companheiro e alguém que não o abandone na velhice. O mais comum, no entanto, são pessoas que se unem porque estão apaixonadas. É a dinâmica desse tipo de casal que se descreverá a seguir.

Um olhar leigo para o casamento permite vê-lo como a possibilidade de duas pessoas se unirem para construir algo novo. Os parceiros pretendem constituir um novo grupo familiar e vêem-se maduros o suficiente para esse empreendimento. Encontram alguém muito especial em quem depositam a esperança de compartilhar amor e sexo, dividir economias e conhecimentos, aliviar dores e sofrimentos, confirmar valores, realizar juntos os sonhos e expectativas comuns a todos os casais. Torna-se necessária então uma escolha madura: o que se escolhe, como se escolhe, quem se escolhe que possa comprometer-se com uma relação futura.

A escolha, entretanto, não é tão ingênua e neutra quanto possa parecer à primeira vista. Tampouco é lógica e racional a ponto de ter um caráter de previsibilidade de êxito dos futuros relacionamentos matrimoniais. Escolher um par inclui um encantamento que leva o indivíduo a se dispor a morar junto com o seu objeto de encanto e com ele dividir toda a sua intimidade. A pessoa que

escolhe age em função de anseios que ela nem sabe ao certo quais são, e aí está incluída uma série de motivações inconscientes relacionadas a experiências passadas e fantasias com relação ao futuro que atuam no momento presente, fazendo que o parceiro escolhido seja visto da melhor óptica possível e com características que permitem um perfeito encaixe para a relação que começa a se construir. “Fatores diversos podem intervir na busca do companheiro e na coesão familiar, sendo que o funcionamento inconscientemente compartilhado implica na referência a objetos avoengos e ao conluio fantasioso” (Almeida-Prado, 1997, p. 128).

Ao considerar a escolha do parceiro, Angelo (1993) — da corrente sistêmica — destaca que são percebidos na pessoa escolhida elementos específicos correspondentes às atitudes que interessam. Outros elementos não são notados. Essa maneira de escolher reflete a história de vida e familiar da pessoa, bem como as formas de lidar com união e separação que propiciam maior ou menor capacidade de diferenciação e decorrente elaboração da perda do objeto sonhado. Os ideais, os julgamentos de valor, as metas implícitas e explícitas, as aspirações sociais, as formas diferentes de satisfação das necessidades de amor e intimidade, os papéis que cada pessoa viveu, os papéis esperados pelos pais e por fim a forma como tudo isso é articulado interferem na percepção do outro. A atenção, a desatenção e as distorções dos mais variados aspectos da atitude do outro pesam então na seleção feita. Verifica-se assim que o casamento se faz a partir da história de cada um dos cônjuges e de como essas histórias se entrelaçam no momento presente, dando uma nova configuração que envolve repetições e criações na vida a dois.

O ser humano é dinâmico, está em constante mudança, e conseqüentemente mudam suas maneiras de estabelecer relações. A propósito, há que ponderar quando e como começou o relacionamento para que se possam compreender os fatores considerados na escolha. Na verdade, as características que assomam como importantes num dado momento não serão as mesmas num outro momento. O que é almejado por uma adolescente de 17 anos é, na maioria dos casos, bem diferente do que almeja uma pessoa de 35. Do mesmo modo, as circunstâncias em que se deu o primeiro encontro dão sinais claros sobre a tônica da futura vida conjugal. Se um homem conheceu sua mulher em

meio a um acontecimento em que essa mulher se lhe afigura como heroína, lutadora em dada situação de trabalho, a relação de ambos estará mesclada desses aspectos, que se fazem evidentes, figurais. Ao contrário, se ele a conhecesse quando ela estivesse sofrendo e precisando de ajuda, o encontro dos dois seria firmado nessa percepção inicial.

Os papéis, os modelos, as identificações, as questões resolvidas ou não no decorrer do tempo, o que foi absorvido de alguma forma ao longo da história familiar de cada membro do casal, juntam-se às expectativas, aos sonhos e às fantasias para o futuro, e deixam sua impressão e expressão no presente. É nesse contexto que a paixão eclode.

Quando uma pessoa se apaixona por outra, esta funciona como uma tela. Nessa tela são projetados todos os desejos de realização e os anseios de viver uma completude sem fim. Havendo correspondência do parceiro eleito, a dupla passa a viver num mundo de ilusões, e desde então vai-se constituindo a fronteira do “nós”. Nesse momento, já não existe um e outro, os dois são um só. Há uma necessidade constante de estarem juntos, de não se separarem e de acreditarem que são complementos perfeitos um para o outro. Esse fenômeno tem suas raízes em motivos inconscientes, narcísicos, que marcam dessa maneira um falso encontro.

Em *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914), Freud afirma:

Uma pessoa pode amar em conformidade com o tipo narcisista: (a) o que ela própria é (isto é, ela mesma), (b) o que ela própria foi, (c) o que ela própria gostaria de ser, (d) alguém que foi uma vez parte dela mesma. (p. 107)

Para Freud, a paixão não é um verdadeiro encontro para o qual se faz necessária a presença de dois.

Mais recentemente, Cardella (1994), autora da corrente gestáltica, explica, de maneira semelhante a Freud, que

No amor romântico, o ser amado representa a imagem perfeita de homem ou mulher, e sobre ele recaem expectativas irrealistas. Assim, a paixão não é algo direcionado a outra pessoa, tal como ela é, mas aos próprios ideais, sonhos e fantasias, o que caracteriza a paixão como um fenômeno de natureza egocêntrica. (p. 61)

No amor apaixonado, distorce-se a realidade, levando a quem o sente a não discriminar o que é presente, passado e futuro, e nessa atemporalidade,

misturam-se os mundos internos do casal-amante. As pessoas envolvidas na paixão relacionam-se consigo mesmas pensando que estão se relacionando com o outro, e nesse sentido o outro real é concebido e visto com as lentes do passado, as quais contêm amor, inveja, competição, prazer e morte e têm a função de salvar, realizar, completar, reparar conteúdos inconscientes que surgem como fantasmas na atualidade do casal.

Tendo alguns poucos resquícios de realidade, a tendência da paixão é diminuir, tornar-se ocasional ou terminar. Faz parte da relação conjugal essa passagem da fantasia para o real, quando cada membro do par é levado a constatar que a pessoa amada não é aquela concebida ou sonhada. Essa passagem é necessária, mas, como toda mudança, implica o risco de ruptura. Mais adiante, falar-se-á mais sobre o assunto. Cabe no momento destacar que essa passagem inclui o fim da fantasia de ter a união perfeita com o parceiro ideal, mas é também a possibilidade de cada um se ver com um “eu” individual que possa encontrar-se, misturar-se, separar-se e transformar-se, abastecido pela qualidade do vínculo formado com o outro.

Morar juntos, criar filhos ou sofrer com a morte da mãe ou com a perda do emprego são razões para crises, já que propiciam o desmoronamento dos castelos de areia construídos no estágio da paixão. O cotidiano quebra pelos seus eventos a noção de “alma-gêmea”, do “juntos seremos um” e da satisfação plena. Surge a desilusão necessária para que se reconheçam os limites da relação.

Após essa transição, os casais bem-sucedidos deparam com o amor companheiro, o comprometimento maduro, a maior autonomia de cada membro, a interdependência, a maior tolerância à frustração e maiores possibilidades de crescimento, na medida em que as expectativas são menores e mais realistas. É preciso, no entanto, que o casal esteja aberto e disponível, que sejam totalmente generosos um com o outro para enfrentar as crises, pois, como diz Lamanno (1993), “sem desordem não há possibilidade de se desenvolver uma relação; sem ordem, porém, tampouco é possível. Delicado equilíbrio!” (p. 20).

Note-se que todo esse processo não se dá de forma linear. Ao contrário, ele se faz por meio de idas e vindas que vão enriquecendo e fornecendo mais

elementos para uma vida bem vivida. A respeito disso, Lamanno (1993) afirma que:

Uma relação conjugal viva e criativa desliza entre a manutenção e o desdobramento de uma forma peculiar de interação e de sua transformação em outras, mas não sem desvios, nem de forma ascendente e linear, e sim num constante ir e vir, ir mais além e retornar. (p. 23)

O casamento não é um ato em si. Ele inclui um vínculo afetivo-emocional que sofre mudanças no tempo e no espaço, as quais por sua vez levam a outras mudanças, que vão dando contorno à fronteira conjugal. Esse processo, que envolve os membros do par enquanto estiverem juntos, pode tomar um curso saudável e construtivo ou patológico e destrutivo.

2.3 — Aspectos saudáveis e patológicos do relacionamento conjugal

Falar de saúde e doença na relação conjugal implica entrar num terreno complexo e arriscado. Faz-se necessário considerar os conceitos de normal e anormal, o que levaria a diferentes concepções de homem e de métodos de pesquisa.

Tendo em vista os objetivos desta pesquisa, o que será exposto a seguir diz respeito aos aspectos da interação do casal que apontam para os sinais de saúde e de doença na vida em comum, considerando mais intensamente a relação estabelecida. Nesse sentido, a autora trabalha com a noção de prevalência de características saudáveis ou patológicas e de como tais características interferem no funcionamento do casal.

A prática clínica permite perceber que não são necessariamente as pessoas mais saudáveis que estabelecem relações conjugais saudáveis. Verifica-se também que pessoas com desordens emocionais variadas podem ter relações boas e sentirem-se felizes com os parceiros escolhidos. A literatura a respeito do tema diz que isto se deve ao fato de que a evolução do relacionamento do casal depende de como estão atuantes na vida em comum as experiências do passado e as expectativas quanto ao futuro, bem como da vinculação de experiências e expectativas com o presente.

Como foi visto na seção anterior, a escolha do par e a decisão de se unir incluem motivações inconscientes, em que estão em jogo forças emocionais, experiências passadas bem ou mal resolvidas e decorrentes sonhos para o

futuro. Esses aspectos são conhecidos apenas pela sua ação e levam os parceiros a se iludirem, a conceberem verdades diferentes da realidade percebida. O amor apaixonado, presente no começo da maior parte das relações, funciona como proteção contra conflitos intrapsíquicos e dá a sustentação inicial para as pessoas que pretendem continuar juntas. Tratando-se de uma ilusão, o amor apaixonado tende a diminuir ao longo do tempo, e o casal, surpreso, confronta-se com a desilusão, a decepção, o sentimento de fracasso. Note-se que cada casal pensa que é o único a experimentar esses sentimentos e tende a buscar em que foi que falhou.

Os consultórios psicoterápicos estão cheios de casos semelhantes, seja por queixa de pessoas casadas, seja por queixa de um dos cônjuges, seja pela busca de orientação por parte do casal. Na realidade, a crise determina um impasse inerente à vida em comum. Tal fato ocorre porque na paixão um e outro são a mesma coisa, não se sabe quem é quem, tem-se a impressão de complementação, e não há lugar para o vazio. Acrescentem-se, então, as palavras de Almeida-Prado (1997):

(...) Desejo de união total, anseio pela relação exclusiva, absoluta, na qual nada se interponha, ilusão de que nessa união de iguais haverá paz, quando é justamente na separação e no reconhecimento das diferenças que será possível viver e conviver e não apenas sobreviver, apodrecer. (p. 138)

No entanto, abdicar desse estado é difícil, e a passagem para a realidade geralmente é feita com dor, pois, como diz Lamanno (1993):

Despir-se do conhecido é quebrar a quietude, provocar agitação. É deparar com aspectos desconhecidos e intoleráveis da própria mente, do outro e da relação. É confrontar-se com a dor que evoca a morte do anterior e o reconhecimento dos limites da relação. Salto no vazio, o encontro com uma solidão mais nova e ainda mais completa. (p. 20)

Agora, na fronteira conjugal, onde só havia lugar para o “nós”, haverá também a possibilidade de diferenciação, de movimento de união e separação, o qual vai marcar os encontros verdadeiros de duas pessoas individualizadas. Só assim pode-se recriar sadiamente o vínculo conjugal, em que a dança do individual e do conjugal se faz de tal maneira que se vislumbra no par uma totalidade dinâmica. O respeito às diferenças permite o crescimento de cada um.

Casais e famílias não vivem sem os seus mitos e suas combinações implícitas. No entanto, no estágio da paixão, os casais firmam pactos fadados a não serem cumpridos. Um novo contrato precisa ser feito com menos idealização na vigência de uma realidade maior na vida a dois. O relacionamento muda pouco a pouco, levando o par a uma ligação de cumplicidade, aliança, comprometimento e disponibilidade de um para o outro.

Um casal saudável é aquele que se movimenta entre os inúmeros padrões de repetição de experiências vividas, sonhadas, imaginadas e compartilhadas. As possíveis transformações desses padrões fornecem um dinamismo peculiar à interação dos cônjuges. “Poderíamos pensar que as relações conjugais implicam um equilíbrio instável em oscilações constantes, em desequilíbrios temporários” (Lamanno, 1993, p. 47).

Uma relação satisfatória exige dos parceiros abertura, comunicação clara, flexibilidade, aceitação de riscos de rupturas e elaboração dos lutos referentes a términos, perdas, separações e mortes anteriores.

Para uma relação satisfatória, é preciso maturidade. Kernberg (1995) afirma, por exemplo, que o amor sexual maduro inclui uma disposição emocional complexa em que o desejo erótico, a ternura, a identificação com o outro, a tolerância à ambivalência característica de todas as relações humanas, uma forma madura de idealização, o comprometimento com o outro e com o relacionamento e a paixão estão presentes. É de notar que Kernberg não descarta os aspectos da idealização e da paixão comuns no amor romântico adolescente, incluindo-os também no amor maduro. Na verdade, o grande perigo da idealização e do apaixonamento é viver acreditando que só existe isso. No amor maduro, eles são um ingrediente a mais que sustenta a continuidade entre a etapa inicial, mais fantasiosa, e a posterior, com mais elementos reais.

Em todas as relações conjugais saudáveis estão presentes a inveja, o ciúme, a competição, o ódio, os quais, quando neutralizados pela admiração, a doação, a cooperação e o amor, conferem o nível de tensão necessário ao crescimento de cada membro do par e da relação do casal. Quando, no entanto, não ocorre essa neutralização, o casal entra numa rede de destrutividade. É a patologia.

Um relacionamento patológico é marcado pela repetição. Sem possibilidade de perceberem-se diferentes e diferenciados dos modelos anteriores, ou presos a forças ligadas a vivências muito primitivas, os membros do par não conseguem empreender mudanças. Sem que haja nenhuma alteração, o relacionamento fica estagnado. Como já foi visto, os cônjuges trazem para as relações atuais experiências passadas, e, se estas ainda não tiverem uma resolução, o atuante é justamente a situação problemática. A repetição leva ao enfado, à mesmice, deixando claros os sinais de desgaste no relacionamento. As situações bem resolvidas oferecem uma maior possibilidade de discriminação, já que a percepção presente não está tão contaminada com os fantasmas do passado. Caso contrário, no momento em que a paixão deixa de ser um escudo contra esses fantasmas, o universo conjugal tende a ruir. Surgem as desavenças, os impasses, as acusações, as desqualificações e brigas por qualquer motivo.

O cotidiano oferece um cenário extremamente favorável para o término da paixão. Se as pessoas não sabem lidar com perdas e elaborar lutos, as decepções que se vão acumulando no dia-a-dia e o desencanto decorrente favorecem reações de raiva, que vão aos poucos corroendo a relação.

Quando, nessas circunstâncias, o casal opta por se separar, além de sofrer com a ruptura, cada um carrega para outras relações mais uma situação inacabada, que tende a se repetir. Há, no entanto, pares que se mantêm sob o mesmo teto num vínculo em que imperam as agressões mútuas, variando das formas mais sutis até a violência física. Em outras situações, cada um passa a viver sozinho o seu mundo psíquico, não havendo partilha tão importante para o convívio conjugal. Nesse caso, os cônjuges vivem em segredo, e cada um investe a sua energia em projetos individuais. Os relacionamentos tornam-se tão superficiais, que muitas vezes a intimidade é dirigida para situações externas, enquanto as áreas de silêncio protegem o par.

Em outro exemplo de relacionamento patológico, um dos membros não aceita diferenças e insiste em fazer do companheiro algo que ele não é. Caso o companheiro se ajuste ao papel, fica identificada uma relação de submissão, em que um exerce o poder e o outro concorda em ceder, anulando-se. Se o parceiro

não se submete, não há negociação possível; a dupla vê-se diante de um impasse, visto que não existe espaço para renúncia e confrontações.

Existem ainda cônjuges que desenvolvem patologias complementares, isto é, fazem escolhas pautadas na doença. Desse modo, vê-se no âmbito conjugal pares que apresentam papéis cristalizados de protetor e protegido, algoz e vítima, herói e vilão, forte e fraco, médico e paciente. Alguns outros casais se dão ao requinte de intercambiar os papéis citados, mantendo suas relações como numa gangorra. Ressalte-se que tudo isso acontece com a conivência de ambos, numa cumplicidade que mantém agonizante a relação conjugal.

É surpreendente perceber como os casais desenvolvem alianças perversas em que a inveja, a competição desenfreada, o ódio e a violência imperam. Enredados por (re)vivências antigas, que se misturam com as novas, eles não podem perceber suas distorções e contaminações. O que era um engajamento amoroso transforma-se em guerra conjugal, que se faz em torno das vivências de incompreensão, de injustiça e traição, porque não há correspondência entre o concebido e o percebido. Dessa maneira, fica intolerável reconhecer a dependência, porque perceber o outro separado de si é ser dependente desse outro para uma série de gratificações pessoais.

Quando o casal depara com essas situações, vê-se impedido de transformar a relação, e o crescimento de cada membro do par fica tolhido. Na tentativa de os parceiros resgatarem questões tão primitivas, em que estavam em pauta amor, ciúme, rivalidade, ódio, competição, sexo e morte, o que era um conto de fadas torna-se um pesadelo ou uma tragédia.

A terapia pode ajudar os casais a aprender a viver em meio a esses conflitos e crises e a usar a criatividade para resolver problemas e crescer como casais e como pessoas.

Na terapia, trava-se uma luta complexa em que a tolerância à angústia e a presença da dor psíquica abrem a possibilidade de a dupla refletir, experimentar e estabelecer um novo contato com a sua realidade psíquica individual e conjugal. Em meio a vivências de conflitos e crises, o trabalho terapêutico favorece o uso da criatividade para resolver problemas pessoais e referentes à conjugalidade.

O próximo capítulo estabelecerá a relação entre criatividade e a noção de saúde, fornecendo as bases para posterior pesquisa de campo.

3 — O CONCEITO DE CRIATIVIDADE E A GESTALT-TERAPIA

O artista busca reconhecer o conflito e resolvê-lo em sua criação.
Hanna Segal

3.1 — Criatividade, saúde e mudança

A criatividade é um tema que tem sido estudado e pesquisado em muitas áreas. Por se tratar de um conceito interdisciplinar, a criatividade pode ser considerada do ponto de vista histórico, e nesse sentido pode-se ver sua expressão nos tempos mais remotos: nas pinturas encontradas em rochas e em tetos de cavernas; na invocação das musas feita pelos antigos gregos; na arquitetura egípcia; e nos templos chineses. Pelo ângulo sociocultural, é possível estudá-la verificando as condições ambientais que favorecem ou dificultam a criação, bem como compreender a própria subjetividade vigente revelada pela expressão artística de cada época, que estabelece uma relação entre criatividade e sociedade.

A criatividade também pode ser analisada do ponto de vista da educação, levando-se em consideração os fatores que possibilitam ou inviabilizam o desenvolvimento da expressão criativa no contexto educacional. A aprendizagem que implica o emprego do conhecimento adquirido também tem estreita relação com a criatividade, e é motivo de intensas pesquisas. Na investigação científica, é imprescindível a utilização do potencial criativo, traduzido em curiosidade, intuição, flexibilidade. Existem autores, ainda, que, como o físico Swimme (1984), relacionam a capacidade humana de criar ao poder de criação do universo. Dessa forma, como afirmam Virgolim & Alencar (1994), a produção humana é uma expressão da criatividade universal inseparável de tudo aquilo que existe no mundo. Rogers (1980), psicólogo americano que sempre demonstrou uma profunda crença no potencial criativo do ser humano, também partilha as proposições anteriores. Esse autor baseia-se nas pesquisas de físicos para defender uma “tendência formativa” no universo que diz respeito ao impulso criador do universo. De acordo com esse impulso criador, Rogers aponta para a

“tendência realizadora” de qualquer organismo vivo que conduz o ser para uma vida mais plena.

Vê-se, desse modo, que o conceito de criatividade que anteriormente se vinculava apenas à arte, hoje, com a exacerbação e a aceleração do progresso em todos os níveis, desperta o interesse de profissionais de diversos setores, e é indispensável para fazer frente às constantes inovações e ao desafio de indagações que exigem respostas criativas. Essa noção se estende à ciência em um processo transdisciplinar e plural. As mais recentes concepções de inteligência e da potencialidade humana, assim como o movimento humanista, aumentaram o interesse da ciência pela criatividade. Assim, o saber científico, que sempre recorreu à imaginação, à arte e à intuição, interessa-se mais pelo processo de criação do sujeito, verificando como e onde ele ocorre. De acordo com essas novas idéias, as condições socioculturais propiciam, diminuem ou inibem as diversas etapas do processo criativo, permitindo ou não o desabrochar do potencial humano.

No âmbito da psicologia, segundo Morel (1988), o conceito de criatividade passa a ser objeto de pesquisa por volta de 1950. Mas foi no início da década de 1960, com a eclosão das correntes humanistas que concebiam o homem como potencialmente criativo — que saudavelmente põe em prática sua iniciativa, curiosidade e imaginação quando as condições do meio são favoráveis —, que surgiu uma nova visão para o ato criador. Num primeiro sentido, torna-se impossível estudar separadamente a criação do criador. Em outro sentido, o homem visto como potencialmente capaz torna-se responsável, ativo e comprometido com o que cria. Ao rever os estudos de Novaes (1975), autora que se dedicou a pesquisar o tema, vê-se que ela focaliza a criatividade pelos ângulos das características que levam o indivíduo a criar, como (processo) e o que faz para criar, ou seja, como age criativamente na produção de sua arte e qual é o resultado de uma atitude criadora.

Entre as características criativas, incluem-se aspectos da personalidade e do temperamento e traços emocionais da pessoa que cria; motivações, necessidades e decorrentes percepções, bem como organização do pensamento que

conduz à escolha do como e o que produzir. Por fim, pelo resultado, pode-se verificar em que direção vai a criatividade da pessoa (transformações sociais, obras de arte, descobertas científicas, por exemplo). Todos esses ângulos são relevantes ao estudar a criatividade. Importa, no entanto, neste trabalho compreender que essas dimensões apontam para o indivíduo saudavelmente criativo.

O homem criativo age desafiando limites, estimulado pelas descobertas, já que, segundo Ostrower (1977), o criar constante é muito mais do que uma possibilidade humana; trata-se, na verdade, de uma necessidade do ser. Logo, ele é naturalmente criativo em tudo o que faz.

O termo criatividade, conforme usado neste trabalho, refere-se à capacidade de lidar com a realidade mobilizando os recursos inerentes a qualquer ser humano. Entre esses recursos, inclui-se flexibilidade, capacidade de avaliar a realidade experimentando as possibilidades apresentadas — e com isso correndo o risco de perder-se, de errar e de romper com antigas crenças, convivendo com dúvidas e suportando ambigüidades —, fluidez de respostas, capacidade discriminatória, aceitação de críticas e ausência de preconceitos. Parte-se do princípio de que mudar, crescer e aprender no decurso da vida depende de criatividade.

Esses aspectos são observados nas pessoas em sua relação com o mundo. Novaes afirma que “as experiências criadoras pressupõem o incremento das relações e o refinamento das descobertas pessoais, pois criatividade é, em última análise, função da relação transacional entre o indivíduo e o meio no qual vive” (p. 8). O bom uso dos recursos criativos permeia a vida humana deixando sinais de saúde e levando a mudanças no relacionamento interpessoal. As mudanças são fundamentais para uma vida bem vivida. Trazem o frescor da novidade nos encontros saudáveis, em que cada pessoa em relação sai nutrida e renovada, graças principalmente à utilização do seu potencial criativo.

Como foi mencionado, vários autores de diferentes pontos de vista ocuparam-se com o estudo e a compreensão dos processos criativos. Nos trabalhos

psicanalíticos de Freud, especificamente, encontra-se o ponto de partida para aprofundar o tema e para buscar referências adjutórias em outros autores.

Em seu artigo “Escritores criativos e devaneio”, Freud (1908 [1907]) trata de tópicos que abrem espaço para muitas reflexões e que permitem compreender também os recursos de que se valem as pessoas na difícil arte de viver. Ele sugere que se busquem na infância os primeiros traços da atividade imaginativa e questiona as fontes das quais o artista retira o material de sua arte. Mais adiante, afirma que os próprios escritores criativos com frequência assumem a máxima de que “todos, no íntimo, somos poetas, e só com o último homem morrerá o último poeta” (p. 149).

Freud compara os escritores criativos em suas atividades imaginativas com a criança que brinca. Explica que ambos criam um mundo próprio. Os primeiros criam um mundo de fantasias intensamente vividas por seus personagens onde tudo é possível e que não apresenta os riscos do mundo real. As crianças fazem o mesmo quando reajustam os elementos da realidade por meio de jogos e brincadeiras, de tal maneira que a realidade se lhes torne agradável. Tanto os escritores como as crianças levam seus empreendimentos a sério, e neles investem uma carga considerável de emoção. Freud considera que tais realidades são fruto de desejos e impulsos não atualizados. Pode-se dizer então que os sonhos, os devaneios, as artes são refúgios de dupla face que, se por um lado realizam e permitem que se chegue ao material que deu origem a tais realizações, por outro afastam e protegem o seu criador das angústias do contato direto com esse material.

Embora tenha-se referido à fantasia em muitos de seus artigos, Freud nunca formulou plenamente uma teoria da fantasia inconsciente. A fantasia para ele está próximo ao devaneio. Se a realidade externa é frustrante, a fantasia entra em ação como uma idéia de satisfação do desejo (Segal, 1991). Na concepção freudiana, a fantasia é um fenômeno tardio que surge quando o princípio da realidade e a capacidade de pensamento lógico foram bastante estabelecidos. As fantasias conscientes não são verdadeiras. Quando a fantasia de sa-

tisfação do desejo não é aceita pela consciência, ela é reprimida e torna-se inconsciente (Freud, 1911).

Posteriormente, Melanie Klein (1959) revê e amplia a proposição de Freud. Se Freud concebia que a fantasia surgia tardiamente na vida mental, Klein, em razão de seu trabalho com crianças, concebe que elas são ativas desde o princípio da vida e que têm suas origens nas pulsões. “Fantasias inconscientes são uma atividade da mente que ocorre em níveis inconscientes profundos e que acompanha todo impulso vivenciado pelo bebê” (p. 285).

Indo mais além, pode-se dizer que a transformação das fantasias inconscientes eliciadas pelas experiências corporais se dá dos órgãos para a percepção a distância da realidade externa e pelo surgimento no mundo simbólico da cultura, a partir do mundo primário do corpo (Hinshelwood, 1991). De fato, a própria Klein (1959) afirma que a elaboração das fantasias, referindo-se a uma variedade de objetos e situações, acompanha, no transcurso do desenvolvimento, todas as atividades, nunca deixando de desempenhar um papel importante na vida mental. É decisiva a influência da fantasia inconsciente na arte, no trabalho científico e nas atividades da vida cotidiana.

Donald W. Winnicott (1965) acrescenta contribuições enriquecedoras no que diz respeito à criatividade quando aponta o viver criativo como um estado sadio e o conformismo como base doentia para a vida.

Tomando como alicerce para seus estudos Freud e Melaine Klein, Winnicott — autor que observou bebês, crianças e adultos de todas as idades — elaborou uma visão segundo a qual o ser humano é sempre um indivíduo em interação com o outro e com o mundo. Ao estudar o desenvolvimento infantil, ele destaca o conceito de “*holding*” materno, fundamental para que a criança se sinta integrada, construa uma identidade e possa diferenciar o mundo em que vive. Sentimentos de bem-estar e segurança são decorrentes de um *holding* adequado. A preocupação materna primária que se instala na mãe nos últimos meses de gravidez, quando ela adquire condições de perceber as necessidades do recém-nascido, é a base natural do verdadeiro *self*. Um *self* verdadeiro começa a ter vida por meio da força dada ao ego fraco lactente, pela complementação da

mão das expressões de onipotência do lactente. Se a mãe não é “suficientemente boa”, é inábil em sentir as necessidades do bebê, ele, para não ser aniquilado, sobrevive desenvolvendo um falso *self*. Com um falso *self*, o bebê cresce por meio de introjeções, de aparências, “como se”, estabelecendo falsos relacionamentos. O uso da onipotência infantil está embotado no falso *self* e com ela fica embotado também o uso da ilusão, da imaginação, do brincar, a capacidade de usar símbolos, trazendo empobrecimento cultural; o verdadeiro *self*, por sua vez, é a base do viver pleno e criativo. Winnicott sustenta a teoria do eu em evolução que se forma quando o bebê começa a ver, sentir e ouvir o mundo que o cerca. A esse conceito, acresce o de “realidade psíquica interna”, que surge da fantasia do bebê e, no início da vida, consiste em uma elaboração imaginativa simples de sentimentos, partes e funções somáticas. Afirma ainda que o bebê depende de um ambiente favorecedor que o encaminha para a independência, prescindindo então de maiores cuidados. Nesse processo de transição, a criança descobre lentamente o seu eu, por meio do corpo, dos sentimentos e dos cuidados que recebe, abrindo-se para a relação com o mundo. Winnicott aponta aqui para a importância da iniciativa e da ação do bebê, de modo que, quando surge uma necessidade, ele cria uma fonte de satisfação. O seio da mãe, por exemplo, é uma das fontes desse sentimento baseado no qual o bebê cria algo que deseja, para posteriormente descobrir a real existência dele. Trata-se da criação do objeto. Essa vivência é a base para a idéia de que o mundo pode conter o que é desejado e aquilo de que se necessita. Estabelece essa idéia uma relação viva entre o mundo externo e o interno, entre criatividade, primitiva e inata, e o mundo compartilhado. Com o tempo, o que é não-eu (mundo externo) se separa do eu (mundo interno), alcançando objetividade, um mundo em que os objetos podem ser utilizados por serem inseparáveis e indestrutíveis.

A teoria de Winnicott comporta ainda a existência de um espaço intermediário entre o mundo externo e o interno, isto é, a área das relações, da experimentação, do criar, da ilusão, do pensar, do fantasiar e do brincar. Um lugar da comunicação significativa e das relações afetivas. É o espaço potencial. Relacionada a esse espaço, está uma das mais importantes descobertas de Winnicott:

os objetos e fenômenos transicionais, aos quais a criança se liga para substituir transitoriamente a figura materna, da qual precisa se individualizar. Segundo Winnicott, “o objeto transicional” abre as portas para o simbolismo e permite a distinção entre fato e fantasia, realidade interna e externa, criatividade e percepção. A exploração desses objetos permite utilizar, significar e ressignificar; e com eles se compartilha um mundo não-eu. A relação satisfatória com esses objetos leva a maior autoconfiança, que propicia o brincar criativo. De outro modo, a criança privada dessa experiência é incapaz de brincar e se torna empobrecida no campo cultural. Posteriormente, o fluir no espaço potencial contribui para as artes, a religião, as ciências, os sonhos, os afetos, as relações e a comunicação.

3.2 — A contribuição de autores da Gestalt-terapia

Verifica-se que as contribuições de Winnicott apresentam pontos em comum com alguns tópicos desenvolvidos por autores da Gestalt-terapia. Todos eles destacam a importância da criatividade como fator de saúde. Frederick Perls (1969), por exemplo, refere-se a uma zona intermediária que ele chama de zona de fantasia, onde ocorrem o pensar, o criar, o imaginar; nela teria lugar o ensaio, a preparação, assim como poderiam acontecer distorções e não-discriminação.

Tanto Perls quanto Winnicott dão ênfase ao papel do ambiente no desenvolvimento infantil, ao estudo do homem em interação e à possibilidade de discriminar o que é eu e o que é não-eu. A teoria do *self* em muito se assemelha ao que em Gestalt-terapia dá-se o nome de auto-suporte. O homem com auto-suporte apóia-se em seus recursos internos, é capaz, autêntico e transformador, em oposição ao homem com suporte externo que vive na “camada postíca” ou “camada como se”. Este se distancia do que é, e vive de valores externos, introjeções e aparências.

Em razão de suas especificidades, o arcabouço teórico da Gestalt-terapia — com suas raízes humanistas e existenciais — e a própria prática gestáltica — que enfatiza a criatividade como fator de mudança — são de importância pri-

mordial para atender aos objetivos desta pesquisa. Por essa razão, as obras de Frederick Perls e de outros autores da Gestalt-terapia constituem-se em instrumentos adequados para aprofundar o tema deste trabalho.

Foi o próprio Perls (Perls & Stevens, 1975), um dos criadores da Gestalt, quem descreveu a abordagem como “uma das forças rebeldes, humanistas e existenciais da psicologia” (p. 19). Produto do movimento de contracultura, a Gestalt-terapia é rebelde porque se nega a aceitar os valores vigentes sem ponderações críticas; é humanista porque se volta para o ser humano capaz de mudar, criar e transformar; é existencial porque se interessa pelo processo existencial, pelo homem em busca da realização de seu projeto de vida — por meio do uso de seu potencial de criação — e pelo homem como ser no mundo e, portanto, em relação com o mundo. A abordagem gestáltica concebe o homem como capaz, potencialmente criativo, livre e responsável pelo seu pensar, sentir e agir. O homem é considerado em seu processo existencial como um projeto por realizar-se.

Segundo a teoria organísmica da personalidade de Kurt Goldstein (1934) — autor que forneceu um dos suportes teóricos à Gestalt-terapia —, o homem, em sua relação com o meio, funciona como um organismo total, que inclui várias partes e busca respostas adaptativas no seu encontro com o ambiente. Assim, qualquer parte do organismo que seja afetada atinge o indivíduo como um todo.

Essa concepção de totalidade também é conhecida como doutrina holista, e é um legado de Goldstein, que, com base nos fundamentos da psicologia da Gestalt — escola teórica voltada para o estudo da percepção e da aprendizagem —, enfatiza a visão do todo (*holos*) em relação às partes que o compõem. Ao recorrer a esses conhecimentos, a Gestalt-terapia aponta para o fato de que qualquer expressão do ser humano é e faz parte da pessoa como um todo e surgiu da interação dela com o mundo.

Goldstein (1961) também defende o processo de auto-regulação do organismo com base no princípio de homeostase oriundo da biologia. O processo de auto-regulação organísmico é contínuo e dinâmico. Por meio dele, toda vez que

o organismo está em desequilíbrio em sua relação com o meio ele tenderá a reequilibrar-se buscando resoluções numa ordem hierárquica preferencial. Assim, se por exemplo um indivíduo estiver com sede enquanto uma bomba está na iminência de explodir, ele primeiro se protegerá da bomba para, depois que estiver seguro, beber água. O movimento de auto-regulação está presente em qualquer ser vivo e obedece às seguintes etapas: Inicialmente, ocorre uma sensação corporal que, sendo percebida como uma necessidade por ser satisfeita, leva o indivíduo a mobilizar-se para satisfazê-la e reequilibrar o organismo. Tão logo esteja resolvida essa situação, uma nova necessidade surge obedecendo a um critério de prioridade para ser satisfeita. Esse processo ocorre o tempo todo, por toda a vida. Nesse sentido, a morte seria a homeostase total.

Frederick Perls, que trabalhou com Goldstein na época da Primeira Guerra Mundial, ao transpor essa idéia para a Gestalt-terapia, amplia-a afirmando que tal mecanismo acontece no organismo como um todo e, portanto, nos eventos psicológicos também. Perls defende que o desenvolvimento orgânico não se faz sem criatividade. Para ele, todo organismo é criativo. Pelo processo de auto-regulação, o organismo protege-se, transforma-se, age, reage, discrimina e seleciona criando novas formas fluidas, sem interrupções.

Considerada, então, a relação da criatividade com a saúde e a mudança, verifica-se que o homem saudável é um ser criativo em tudo o que faz. Sua maneira de olhar o mundo é sempre projeção do contexto resultante de suas experiências, temores, desejos e informações. Inserido na cultura e por ela influenciado, o homem a capta, constrói e reconstrói mediante sua escala interna de valorização. Esse processo é denominado, em Gestalt-terapia, "ajustamento criativo" (Perls, 1951), ou seja, a multiplicidade de formas ou níveis em que qualquer situação pode ser percebida varia tanto quantas são as vivências internas, os sonhos, as cenas e as imagens simbólicas. O indivíduo percebe, seleciona, discrimina e reorganiza o percebido, formando uma nova configuração. O ajustamento criativo envolve todo esse processo e se dá em uma fronteira de contato (*locus* funcional) do organismo com o meio. Numa vida criativa, há participação ativa do indivíduo. Ele faz contato com o mundo através da fronteira, arrisca-se

a erros e perdas, experimenta possibilidades, torna-se flexível e fluido, modificando-se a si e ao que o cerca. Destarte, o ajustamento criativo está diretamente ligado ao desabrochar individual e ao florescer dos relacionamentos.

O viver criativo leva a pessoa a um encontro profundo consigo mesma, de modo que ela se vê como única, singular. A pessoa que vive criativamente também percebe o mundo com uma intensidade particular que permite maior capacidade de comunicar-se e de interagir com outras pessoas e com a natureza. Assim, é possível um acesso mais fácil ao autoconhecimento, um nível de relação interpessoal melhorado e uma expressão artística em seu contato com o ambiente que deixa claro o seu estilo criador.

A maneira pela qual o meio é percebido é fundamental para o estabelecimento de contatos saudáveis ou não. Se experiências passadas não tiveram resoluções satisfatórias, serão acionados mecanismos que impedirão a percepção clara no presente, dificultando o contato com o ambiente. A repetição constante de atitudes não favorece a descoberta de novas formas; torna o indivíduo rígido, limitado, e traz em geral sofrimento. Assim, quando as situações inacabadas permeiam o contato atual, não é possível enxergar a realidade presente, contaminada que está pelos fantasmas do passado e expectativas quanto ao futuro. Para Perls & Stevens (1975), criatividade é a capacidade de renunciar, de abandonar respostas obsoletas. Nesse caso, entre as respostas criativas, incluem-se, além da imaginação, as rupturas. Não há como manter velhos hábitos num viver criativo; logo, sempre há o risco de erro e de perda na fronteira de contato.

É nesse contexto que a noção de fronteira é fundamental. Essa noção é herdada da teoria de campo de Kurt Lewin (1973). Lewin descreve o campo psicológico e social como um conjunto de forças que atuam no presente formando uma rede de relações entre as partes. Esse campo ou espaço vital é composto de regiões (intrapessoais, interpessoais, físicas, sociais) cujas demarcações são chamadas de fronteiras. Do ponto de vista funcional, a fronteira revela a diferenciação e a interdependência dos elementos. Na área fronteira, ocorre o contato, a articulação de motivação, a percepção, o afeto, a cognição e a ação (Tellegen, 1984).

Perls (1969) destaca a fronteira do eu—não-eu no campo organismo—meio. A fronteira circunscreve e assinala os limites do eu; organiza e dá forma; discrimina e separa o que é o eu do que é o não-eu. A fronteira, segundo Perls, é o lugar da possibilidade do viver e do criar. Um nível razoável de conscientização é preciso para que se possa perceber e diferenciar situações que se afiguram semelhantes, a fim de dar a cada necessidade a resposta mais adequada. É preciso também que situações sem resolução não interfiram na percepção do agora de maneira drástica. Desse modo, a função da fronteira pode ser proteger, impedir ou permitir a troca com o ambiente em ritmo saudável. É necessário que a pessoa perceba com clareza a fronteira, para que a experiência de contato com o novo não represente para ela risco de perder-se, mas resulte em encontros que, pelo ritmo de união e separação, renovem e vivifiquem as partes envolvidas.

A noção de fronteira de contato compreende fatores intrapsíquicos e intersíquicos e a relação do psiquismo com outras partes do organismo e do organismo com o meio. Desse ponto de vista, as vivências psicológicas incluem todos os eventos (psicológicos, fisiológicos ou sociológicos) e ocorrem sempre na fronteira de contato. Permeando todos esses intercâmbios, estão os processos criativos.

3.3 — A Gestalt-terapia como facilitadora da utilização do potencial criativo

Todos os sistemas psicoterápicos têm como objetivo comum a mudança, o alívio e o bem-estar da pessoa que busca atendimento. Algumas correntes, no entanto, por suas particularidades, preocupam-se em desenvolver métodos que possibilitam a emergência de um clima ou ambiente favorável à criatividade. Nesse clima, a imaginação, a fantasia, a linguagem simbólica são decodificadas com base nos processos criativos ativos na relação terapêutica. A Gestalt-terapia coloca-se entre uma dessas correntes. Tendo como meta primordial facilitar a conscientização da experiência presente (*awareness*⁴), ela trabalha com a

⁴ *Awareness*, palavra inglesa que significa “dar-se conta de”. Não tem tradução nem correspondência exata em português.

finalidade de permitir o contato intensificado do indivíduo consigo mesmo, com o outro e com o mundo, proporcionando um ajustamento criativo do ser ao meio. De acordo com sua crença básica no potencial de qualquer indivíduo, o método gestáltico favorece a experimentação para descobrir novas saídas para problemas antigos. Seu repertório técnico, que inclui intervenções verbais e não-verbais, possibilita ao cliente entender como ele mesmo funciona, e esse conhecimento é fundamental para o processo de mudança, segundo Ginger & Ginger (1995).

Ao considerar qualquer expressão artística como indício do ser, os terapeutas gestaltistas podem recorrer à modelagem, à pintura, à dramatização, ao desenho, buscando ligações que permitam uma (re)significação e uma reconfiguração perceptiva. Os sinais de saúde surgem, então, quando o sujeito está livre dos bloqueios ligados a padrões, valores, crenças e experiências passadas que impedem o livre fluxo do potencial criativo e que estariam a serviço da resistência à mudança.

A resistência à mudança surge de restrições à capacidade criativa do indivíduo em sua relação com o ambiente. Suas ações tornam-se reproduções, reações condicionadas, pouco fluidas, dificultando o intercâmbio sadio e renovador. Preso às amarras do cotidiano, sem usar seu potencial de criação, o indivíduo comunica-se com dificuldade, submete-se a valores sociais e perde toda e qualquer autonomia. Para May (1975), em toda atitude criativa deve haver liberdade e coragem para ultrapassar fronteiras e quebrar antigos padrões em direção à novidade. Sem os atributos de coragem, liberdade, espontaneidade e integração, a pessoa encontra impedimentos ao uso dos seus processos criativos, e não consegue promover mudanças. Como esses impedimentos fazem sofrer, recorre-se à terapia para facilitar o fluir dos processos criativos.

Joseph Zinker (1979), em *El proceso creativo en la terapia gestáltica*, associa criatividade e saúde, vida e mudança, e aponta para a psicoterapia como um meio de favorecer a criatividade. A mudança é a condição *sine qua non* do processo criativo: transmutações de uma forma em outra, de um símbolo em um *insight*, de um sonho em uma representação dramática são maneiras de in-

terconectar criatividade e psicoterapia, levando à transformação, à metamorfose, à mudança.

O indivíduo que tem à sua disposição recursos criativos é capaz, autêntico, transformador, e se opõe àquele que se apóia basicamente no ambiente, vivendo de valores externos, de aparências ou, conforme a nomenclatura da Gestalt, na “camada postiça” — em que o indivíduo não se compromete com a sua maneira de ser e, por isso, mostra-se sempre da maneira que, segundo sua concepção, o mundo espera.

Existem relacionamentos que propiciam e outros que dificultam a melhor utilização do potencial criativo. Na corrente gestáltica, a própria relação terapêutica tem características que mobilizam o potencial criativo natural de qualquer ser humano. Como afirma Friedman, em prefácio ao livro de Hycner (1995): “A terapia [...] se apóia na relação EU-TU de abertura, mutualidade, presença e comunicação direta” (p. 12). O clima de aceitação, empatia, respeito e confirmação do que o cliente é, a clareza de comunicação e o repertório de técnicas que, usadas criativamente, possibilitam a tomada de consciência e permitem o surgimento de respostas novas para situações antigas e cristalizadas.

As reflexões de Perls & Stevens (1975) demonstram que o objetivo da psicoterapia é ampliar o potencial criativo do indivíduo pelo processo de integração. Integração é a assimilação, de modo consciente e responsável, do material que está de acordo com o “eu” do indivíduo. Para isso, é necessária uma boa capacidade de discriminação. A fim de que haja integração, o indivíduo deve ser capaz de avaliar criticamente, de perceber a realidade com poucas distorções. No trabalho terapêutico, esse processo é favorecido pela relação estabelecida e pelas técnicas de conscientização, por meio das quais o terapeuta recorre a experimentos vivenciais, valendo-se dos recursos verbais, não-verbais, ambientais e artísticos de que ele e o cliente dispuserem (Zinker, 1979). Zinker destaca, então, a curiosidade e o interesse pelos mistérios não revelados e a ousadia para buscar o desconhecido como características necessárias ao terapeuta criativo. Para facilitar a mudança, o terapeuta investe na utilização do seu potencial criativo ao mesmo tempo em que propicia o bom uso do potencial do cliente.

A não-utilização desse potencial e a constante indiferenciação caracterizam os relacionamentos doentios, que são bastante comuns nos relacionamentos conjugais, como foi visto no capítulo anterior. Nesse caso, as pessoas envolvidas na relação apresentam distúrbios de contato que, segundo Tellegen (1984), são

caracterizados, em grandes linhas, por excesso de rigidez de um lado, ou de permeabilidade por outro, levando o indivíduo, enquanto parte do campo, respectivamente, ao isolamento ou à perda de diferenciação e identidade. (pp. 49 e 50)

Nesse contexto, a aparelhagem sensorimotora e cognitiva do organismo total está sendo utilizada para impedir a percepção clara da experiência presente. Recorrendo aqui à teoria organísmica, que organiza a emergência das necessidades (Goldstein, 1934; Perls, 1951), verifica-se que, enquanto não resolver as situações passadas que surgem como necessidades pedindo encerramento, o indivíduo não poderá ter um viver individual e um relacionamento criativo que permita compartilhar, mudar e transformar.

Em circunstâncias como essa, Ciornai (1995), autora que une arte e Gestalt-terapia, afirma:

A terapia vem, então, ajudar a expandir o fluxo de energia e awareness, liberar a energia retida em situações antigas e inacabadas, trazendo-a para o aqui-agora, facilitando assim a elaboração interna daquilo que antes não pôde ser elaborado, novas experiências e a compreensão e eventual transformação dos padrões de relacionamento do indivíduo consigo próprio, com os outros, com o mundo. (p. 75)

Passar da fantasia à realidade, tomar consciência do que é o não-eu, perceber com nitidez as fronteiras e as diferenças implica enfrentar conflitos e impasses. Crescer e aprender pode desencadear crises, exigindo a utilização de estratégias adequadas para lidar com as rupturas inevitáveis. Tais mudanças exigem flexibilidade, aceitação de riscos e capacidade de suportar a angústia decorrente do enfrentamento de ambivalências e contradições.

É preciso que o terapeuta auxilie o cliente a ter um funcionamento saudável, que, como atesta Ciornai (1995), é

o fluxo contínuo e energizado de awareness e formação perceptual de figura-fundo, onde, através de fronteiras permeáveis e flexíveis, o indivíduo in-

terage criativamente com seu meio ambiente, desenvolvendo recursos novos para poder avaliar e apropriadamente estabelecer contatos enriquecedores e interrompê-los quando tóxicos e intoleráveis. Saúde seria a prevalência desse tipo de funcionamento. (p. 74)

Saúde relaciona-se a movimento. No processo de mudança, a pessoa se movimenta do conhecido para o desconhecido, enfrenta barreiras e bloqueios, toma consciência dos impasses que apontam para os impedimentos da vivência do novo. É nesse momento que, a despeito de todas as adversidades, o indivíduo aciona seus recursos internos que permitirão a descoberta do novo. Desse modo, pequenas paralisações fazem parte do processo. Na busca de alternativas para o futuro, ter consciência dos entraves paralisantes que se fazem acompanhar pela vivência plena dos impedimentos presentes levará à reorganização das fronteiras entre o “eu” e o meio, restabelecendo a auto-regulação. Para que tudo isso ocorra, é preciso a ativação dos processos criativos.

Enfim, feitas essas considerações, pode-se tratar do papel da criatividade nas relações conjugais, tópico que será desenvolvido no próximo capítulo.

4 — O PAPEL DA CRIATIVIDADE NAS RELAÇÕES CONJUGAIS: OS LIMITES DO “EU” E OS LIMITES DO “NÓS”

*O amor é inventivo e anula os postulados da
lógica. Ele tem sua lógica própria, tão válida
quanto a outra. E os amantes se entendem sob
o signo do absurdo — não tão absurdo assim,
como parece aos não-amorosos.*
Carlos Drummond de Andrade

Os capítulos anteriores mostraram a maneira pela qual a criatividade, como fator de saúde e mudança, permeia a vida conjugal e como os relacionamentos saudáveis favorecem uma melhor utilização do potencial criativo do indivíduo. Este capítulo tratará das transformações que ocorrem na relação amorosa quando os casais se servem dos recursos criativos inerentes a todo ser humano.

Para entender o papel da criatividade no relacionamento do casal, é preciso retomar a idéia de Freud (1908 [1907]) que se encontra no Capítulo 3. Para Freud, a brincadeira e a expressão livre são a base da criatividade. Os poetas assemelham-se às crianças, que brincam com tudo em que podem pôr as mãos. O trabalho criativo é divertido, exploratório, e assim podem ser as relações amorosas. Kernberg (1995), por sua vez, afirma que o desejo infantil de fazer, de ser a razão, de explorar as coisas, evolui para paixões mais profundas. O impulso criador, segundo Kernberg, liga-se ao desejo erótico, que inclui amores muito antigos. A inspiração criativa, presente em todas as pessoas, pode manifestar-se de maneira mais intensa em uma ou outra área da vida, e pela diversidade dos empreendimentos, verifica-se o estilo ou o toque pessoal do indivíduo.

Como se viu no Capítulo 3, o movimento humanista, ou movimento do potencial humano, sustenta que todo homem é potencialmente criativo e que, na sua interação com o mundo, pode desenvolver-se ou não. No âmbito da relação a dois, os humanistas abrem a possibilidade de observar o que acontece com o indivíduo no intercâmbio com o meio ambiente e como se dá esse processo. A concepção holística de Kurt Goldstein (1961) amplia essa idéia. Baseado

na noção de figura e fundo da psicologia da Gestalt, Goldstein afirma que o homem é uma totalidade, um organismo total em constante interação com o meio. Não é possível pensar o homem separado do ambiente, e, em constante interação, ambos se modificam: organismo e meio. Aquilo que emerge (figura) a cada momento exige uma resolução harmônica entre indivíduo e ambiente; não há, desse modo, uma relação de causa e efeito. Segundo a teoria organísmica de Goldstein (1934), o homem é participante ativo da rede de interações da qual faz parte, e nela age segundo prioridades, hierarquizando seus desejos e necessidades. Logo, o homem potencial age criativamente no meio ambiente, modifica-o e dele obtém os recursos para transformar-se.

De fato, para lidar com os acontecimentos da vida não é possível dispor de uma criatividade puramente individual. Há que considerar, num relacionamento, os aspectos favorecedores, os impedimentos à aceitação e a rejeição da produção criativa de cada um. É no seio do relacionamento que ocorrem as mudanças, e é possível vê-las quando, no livre jogo das opções, o indivíduo arrisca-se em meio à repetição de situações bastante conhecidas que surpreendem a si e aos outros. A atividade criativa favorece a solução de conflitos que surgem de tempos a tempos clamando por uma resposta inovadora. Resulta daí a saúde e a renovação.

4.1 — O casal criativo

Retomando a concepção de Goldstein (1934), pode-se estudar o casamento como um organismo com necessidades emergentes que pedem resolução pela utilização dos recursos criativos. O músico Nachmanovitch (1990) declara, ao falar sobre improvisação na vida, que “pessoas muito criativas podem usar [suas] capacidades em campos de atividade absolutamente convencionais” (p. 165); a imaginação criadora é poderosa até em situações de impasse.

Duas pessoas, quando se casam, constroem uma nova totalidade, um novo organismo, diferente das pessoas individuais juntas. Determinados por novo contorno, elas formam a fronteira do “nós” ou da conjugalidade.

Segundo Zinker (1994), para compreender relações complexas, temos de traçar fronteiras em torno das coisas, fenômenos ou eventos. Zinker desenvolve estudos com casais e famílias com base na interconexão entre a teoria sistêmica herdada de Ludwig von Bertalanffy (1972), Gregory Bateson e Don Jackson — que considera o casal um sistema ou ainda um subsistema do sistema família no qual os membros da família influenciam-se mutuamente —, a teoria de campo de Kurt Lewin (1973) — que considera o comportamento humano função das interações do indivíduo num dado lugar e num determinado espaço de tempo — e a psicologia da Gestalt de Koffka (1975), Wertheimer e Köhler, estes últimos mais especificamente no que diz respeito à noção de figura e fundo e à afirmação de que o todo é mais do que a soma das partes. O casal, como organismo, é um todo complexo, determinado por múltiplos fatores, e para compreender seus conteúdos deve-se adotar uma visão mais ampla, em que se recorre a analogias, imagens e metáforas (Zinker, 1994).

Para compreender os ajustamentos criativos que ocorrem na vida do casal, é necessário compreender o que ocorre na fronteira da conjugalidade. Como já foi visto, Perls (1951, 1969) se interessou pelos fatos que acontecem nas fronteiras, especificamente pelas possibilidades e impossibilidades que vão permitir ou não o ajustamento criativo ao longo do processo de conscientização ou *awareness*. Se não houver obstáculos na fronteira, faz-se o contato com o novo, e, desse modo, a descoberta e a transformação se realizam.

O contato é muito valorizado pelos Gestalt-terapeutas. Conforme Polster & Polster (1979), o contato é definido pela função de união e separação de partes diferentes. Seres diferentes se encontram, arriscam-se a ser capturados na união e separam-se modificados. O processo de mudança exige capacidade de fazer contato. Zinker alerta para o fato de que o contato sadio ocorre tanto entre os membros do casal quanto das famílias. O trabalho terapêutico com casais, desse ponto de vista, implica intervenções no sistema casal, tendo como base o favorecimento da eclosão e da resolução de situações não resolvidas que atuam na relação a dois. Para isso, há que pôr em evidência as evitações, os bloqueios, as resistências, e encontrar, quando possível, novas formas de contato.

Os casamentos atuais incluem unidades bastante diferentes, entre as quais casais que vivem juntos com filhos, sem filhos ou com filhos de outros casamentos; casais que se separam e recasam; casais que se casam com pessoa do mesmo sexo. Todas essas opções têm fronteiras que distinguem os membros do casal e que permitem o contato com outras pessoas ou com outros casais. Além disso, dependendo da fluidez e da permeabilidade da fronteira do “nós”, os membros do par se unem como par e separam-se em unidades individuais. Aliás, o bom funcionamento do casal depende em grande parte de como os parceiros conseguem fazer encontros saudáveis na fronteira do “eu” e na fronteira do “nós”. É necessário que prevaleça um ritmo harmonioso de união e separação, o qual favoreça, de um lado, a intimidade e, de outro, a individualidade. Como as fronteiras não são estáticas — pelo contrário, estão em constante movimento —, é preciso boa percepção da realidade para avaliar a possibilidade de contato a cada momento. Desse modo, o emprego da criatividade é fundamental também para experimentar novos contatos.

Aquilo que costumamos chamar de criatividade envolve fatores como inteligência, capacidade de perceber a ligação entre fatos até então desconexos, capacidade de romper com idéias ultrapassadas, destemor, vigor, alegria e até mesmo uma certa capacidade de escandalizar. (Nachmanovitch, 1990, p. 165)

O exame desses fatores presentes na fronteira de contato permite entender o que Perls chamou de ajustamento criativo, já comentado no Capítulo 3. O ajustamento criativo no relacionamento conjugal implica flexibilidade na fronteira para experimentar novos contatos. Para experimentar, é preciso ter auto-suporte. O auto-suporte orienta o indivíduo na escolha da atitude mais adequada em determinada situação, a fim de que essa mesma situação seja recriada e ressignificada. O auto-suporte, como já foi visto, refere-se à capacidade de mobilizar os recursos internos para criar situações novas quando elas se fazem necessárias. O auto-suporte é a base para maior auto-estima, segundo Satir (1980), autora que se destaca na abordagem sistêmica como pioneira no trabalho com casais e famílias. Satir deteve-se à interação marido e mulher e enfatizou as capacidades de auto-estima e diferenciação como fatores importantes

para o entendimento da qualificação da interação entre os cônjuges (Calil, 1987).

Os sonhos de casamento levam o indivíduo a buscar unidade com o par. Histórias diferentes se misturam, e surge então uma nova totalidade, uma estrutura, um fluir de comunicação. Esse é o primeiro sinal de criação na vida em comum. As pessoas que se escolhem passam a funcionar num estilo diferente, com linguagem própria, seguindo um ao outro. Os limites pessoais são ultrapassados numa aliança que se faz fértil e desafiadora. Personalidades diferentes, com diferentes habilidades para viver o mundo, unem-se para construir algo maior, e assim vão compor uma nova fronteira, a fronteira da conjugalidade.

O diálogo franco, a comunicação clara, o apoio mútuo, o conforto nas dificuldades, o humor, as opiniões, os acordos, os momentos de carinho, a intensidade da vida íntima, as críticas, as oposições, a vivência das ambivalências, são ao mesmo tempo razão e resultado de uma vida a dois criativa. No casamento criativo, as múltiplas possibilidades de intercâmbio levam ao crescimento da relação, favorecendo o enriquecimento de cada membro do par. Evidentemente, o casal não vive todo o tempo de modo harmonioso, mas os momentos de discordância são experimentados como impulsos para a criação. Logo, ouvir, perceber, sentir, entender, contribui para o autoconhecimento, para o conhecimento do outro e para o relacionamento. A vida conjugal pode, assim, ser permeada por encontros genuínos em que o contato, a empatia, o ambiente facilitador e uma boa instrumentalização dos limites tornam a vida mais plena. No entanto, é preciso lembrar que uma vida mais plena é uma conquista. Exige uma disciplina horizontal, a consideração mútua, a consciência de si e do outro e a disposição de ceder, de ser delicado e cuidadoso com a relação. Para tudo isso, é preciso confiar.

A propósito, Winnicott (1958, 1965, 1979) discute amplamente a questão do espaço potencial como um espaço de confiança, onde são alicerçadas as relações afetivas, as experimentações, as criações e as ilusões. Assim, o fluir ou não no espaço potencial embasa os relacionamentos futuros e as possibilidades

criativas na vida de relação. O espírito exploratório, que floresce na variedade, e a livre expressão assim desenvolvidos permitirão que mais tarde o indivíduo se torne capaz de experimentar novidades, fazer novas associações e criar novos elos.

De fato, confiar no outro envolve riscos. Em primeiro lugar, é preciso confiar em si mesmo. A relação conjugal, entretanto, pede aos parceiros que abram mão de algum controle em favor da relação. Para viver um pouco de descontrole, há que ter autonomia, que decorre de experiências favoráveis no espaço potencial.

A vida compartilhada própria das pessoas que se amam é construída, como já foi visto, mediante nova linguagem, novas regras que definem as peculiaridades de um casal. Na vida conjugal existe um ritmo de autonomia e dependência mútua que, mesmo sem comunicação explícita, favorece o “viver com”, de um lado, e a vivência da individualidade, do outro. Num momento, surge o indivíduo com suas questões pessoais, únicas, particulares; noutro, surge o par, e desaparecem as fronteiras entre o “eu” e o “não-eu”. Uma relação criativa inclui, por conseguinte, movimento. Pelo amor, expande-se, transcende-se, cria-se, transforma-se e retorna-se renovado; o criar, assim, é prazer que liberta e expande as fronteiras do eu.

Do ponto de vista artístico, o criar é a fronteira tênue entre o sonho e a realidade. No relacionamento conjugal, a oscilação entre serem dois e ser um, entre estar presente ou ausente, entre estar próximo ou distante, entre o que é real ou imaginado e a tensão decorrente da atração e do medo favorecem tanto a intimidade como as necessárias desilusões que permitem a passagem da paixão de seres indiferenciados para a relação a dois mais diferenciada, própria de relacionamentos mais duradouros. Desse ponto de vista, o amor está comprometido com o ato de criar e vice-versa. Nessa dança, o vínculo amoroso ultrapassa os limites da individualidade, chega ao desconhecido; aprende-se, então, o que é perder e adquire-se consciência do fluxo de união e separação.

4.2 — Obstáculos à criatividade na vida conjugal

Vários obstáculos, entretanto, interpõem-se entre o casal, impedindo uma vida em comum mais vibrante. Esses obstáculos já foram abordados no Capítulo 2. Tratar-se-á aqui das limitações impostas pelas contingências da vida que bloqueiam ou dificultam a criatividade na relação conjugal.

Qualquer escolha, consciente ou não, implica aceitar os limites inerentes a ela. Dessa maneira, o casamento impõe limites que, dependendo da forma como são encarados, podem restringir e empobrecer a vida a dois e tornar a fronteira de contato rígida, impedindo intercâmbios com o ambiente. Mas as restrições podem abrir caminho para o criar. Os limites formados pelo conjunto de regras escolhidas, que determinam o espaço conjugal, podem ser a razão para aumentar a força, libertar a criação, permitir maior profundidade no relacionamento e assim revigorar cada um dos parceiros individualmente. Dessa maneira, superar os limites implica vivê-los de forma criativa. Afinal, é uma contingência da vida que alguns limites sejam estritos para que outros estejam livres para variar com maior intensidade. Nesse movimento rítmico de contenção e expansão, transcende-se os próprios limites.

Os erros e fracassos na vida do casal podem ser poderosas barreiras à criatividade. A pessoa criativa deve saber lidar com erros, transformando-os. Pessoas que se frustram demais com o fato de nem sempre acertarem, e que conseqüentemente não aceitam o erro dos outros, tanto se fecham numa idéia inatingível de perfeição, que deixam de ver o que é perfeito a cada momento. O indivíduo criativo deve ver o erro como estímulo para sucessivos ensaios que poderão cada vez mais aperfeiçoar os seus encontros. Os erros são acidentes essenciais que podem tornar-se vantagens. Algumas importantes descobertas científicas tiveram origem em erros. Não admitindo os erros, os casais se fecham em fronteiras rígidas que certamente levarão ao desgaste da relação conjugal. Nunca se soube de pessoas ou casais que tivessem mudado sem experimentar erros, e na maioria das vezes é por meio deles que se mobilizam os recursos internos para as necessárias mudanças no relacionamento.

O excesso de julgamento e os rótulos, que afastam enfim o casal do respeito mútuo, fundamental para o bom uso do potencial criativo, podem distan-

ciar também um parceiro que em princípio se dispôs como um artista a compartilhar e contribuir com sua parcela de criatividade.

Por outro lado, a forma com que os parceiros consideram as críticas está essencialmente ligada ao fato de errar e julgar. Nesse sentido, é importante observar o ângulo de quem critica e de quem recebe a crítica. Há pessoas que não admitem serem criticadas. Julgam-se todo o tempo certas; e agem e reagem conforme determinado padrão preestabelecido e, conseqüentemente, com um mínimo de abertura para o novo, ou seja, para aquilo que o outro tem para oferecer. Essas pessoas mostram-se rígidas no relacionamento e persistem em comportamentos que, em algumas situações, deixaram de ser funcionais. Tais atitudes impedem o desabrochar do relacionamento a dois quando o outro membro do par submete-se a regras impostas ou omite-se por não se sentir acolhido, criando um mundo isolado do convívio conjugal.

Viver junto implica constante revisão. As críticas de parte a parte funcionam como *feedback* num relacionamento satisfatório. A pessoa criativa sabe tirar vantagens das críticas em favor de um viver mais prazeroso. Por outro lado, a maneira pela qual a crítica é feita pode interpor-se na relação e promover paralisações ou brigas desnecessárias. Alguns tipos de críticas humilham o criticado como se ele estivesse diante de autoridades que pudessem esmagá-lo com seu conhecimento e poder. Essas críticas são difíceis de absorver, e muito comumente levam o indivíduo a experimentar uma sensação de fracasso que lhe dificulta arriscar ou propor desafios em outras situações. A constância dessas formas de críticas podem provocar um enorme bloqueio na criatividade de pessoas mais inibidas.

Para que favoreça a criatividade, a crítica precisa ser paralela ao ato de criar. Assim, a crítica construtiva funciona como um *feedback* contínuo que facilita a ação. O julgamento crítico, dessa maneira, realimenta o desenvolvimento contínuo em vez de impedi-lo. Oferece a oportunidade de a pessoa que cria parar, rever e aprimorar a sua criação.

A vida de um casal criativo não é superficial; relações criativas são profundas, e nelas a sensibilidade está presente na maior parte do tempo. A convi-

vência do casal implica ainda experimentar dores, mortes, perdas, separações e todos os tipos de crise. Todas essas experiências tornam-se bem mais difíceis quando os membros do par não se valem dos seus respectivos recursos criativos. Além disso, o cotidiano leva o casal a habituar-se com um mesmo estilo de vida e mantém o par escravo do mundo conhecido, impossibilitando descobertas.

Outro aspecto por considerar é a impossibilidade de descontrolar e de entregar. A criação envolve esses dois elementos. A experiência leva as pessoas a perceberem que é necessário abrir mão de certo grau de controle para que o novo surja. O que é forçado, o que é obrigado obstrui o fluir e cria uma armadura. Entregar-se é tornar possível a descoberta da novidade, é a possibilidade de transformar o que não é consciente em consciente pela intuição. O interessante nesse ponto é que, ao casar-se, o par tenta adaptar-se a regras e normas que a princípio são necessárias; contudo, só quando as regras são incorporadas à fronteira do "nós" é que se torna possível aceitá-las com naturalidade. Um regime de casamento rígido predeterminado traz respostas prontas, externas ao sujeito, as quais não favorecem o surgimento da criatividade no momento necessário. Entregar-se é renunciar a qualquer idéia pré-formada, deixar-se viver o vazio*, conviver com a confusão e a ambigüidade e mergulhar na desesperança e no medo para emergir mais autêntico e fortalecido.

Vários bloqueios surgem quando a vida a dois governa-se por valores externos não assimilados pelo casal. Nessas circunstâncias, o excesso de controle mantém os membros do par sempre iguais, e os indícios de artificialidade se fazem presentes. Não é possível impor à vida conjugal flexibilidade, fluidez, leveza, elementos que nascem somente quando se definem os termos da fronteira do "nós". É preciso, ademais, perceber de que maneira essas características atuam ou não no relacionamento, a fim de que a rápida seqüência de acontecimentos

* Adota-se aqui a compreensão das religiões orientais, segundo a qual o vazio é o espaço entre um pensamento e outro, o espaço do não-pensar. Wilson van Dusen (Wu-wei, não-mente e o vazio fértil. In: *Isto é Gestalt*. São Paulo, Summus, 1977) explica que os taoístas e

da vida a dois possa ser utilizada para promover mudanças criativas. Se não houver interferência no curso normal dos recursos criativos inerentes a qualquer relação, ela passará por muitos momentos de transformação. Enfim, qualquer esforço para agir criativamente esbarra em resistências que podem diminuir o ritmo com que se faz a mudança ou, quando muito intensas, podem paralisar suprimir a capacidade de ação.

Zinker (1979) formulou 14 bloqueios à criatividade na atitude do indivíduo, os quais estão relacionados entre si e podem ser assim resumidos: 1) temer o fracasso; 2) considerar somente o lado sério e sólido da relação; 3) não estar atento aos recursos oferecidos por si mesmo, pelo outro ou pelo meio; 4) responder da mesma maneira aos problemas por causa do excesso de certeza; 5) fugir da dor e evitar frustrações; 6) submeter-se sempre aos costumes; 7) deixar empobrecer a fantasia na vida; 8) temer o desconhecido; 9) não tolerar a desordem, a confusão e a ambigüidade; 10) renunciar ao poder de influência; 11) não ter confiança na capacidade humana; 12) apresentar vida emocional pobre; 13) não perceber totalidades, tornando-se tendencioso; 14) sofrer embotamento da sensibilidade, prendendo-se a conceitos.

Foram visto até aqui os elementos necessários para uma análise dos fatores que contribuem para a utilização da criatividade no relacionamento do casal. Atua na complexidade da vida conjugal um grande número de variáveis que, pela forma como interagem, podem oferecer os mais diversos matizes à vida em comum enquanto tornam cada membro do par individualmente mais criativo. Essas variáveis são observadas, na prática, no próximo capítulo.

5 — PESQUISA DE CAMPO

*O que será que será
Que vive nas idéias desses amantes...*
Chico Buarque de Hollanda

Este capítulo apresenta a análise dos resultados de pesquisa de campo com uma amostra de indivíduos casados. Com essa finalidade, são usados os conceitos contidos nos Capítulos 2, 3 e 4 e a metodologia descrita a seguir.

5.1 — Método de coleta de dados

A coleta de dados para esta pesquisa seguiu a orientação de Bruyne, Jacques & Schoutheete (1991), segundo a qual a elaboração de fatos com base na coleta de dados produz acontecimentos observáveis, intersubjetivamente controláveis pela percepção direta ou por inferência, desde que construídos de forma lógica. Esses autores recomendam que se respeitem os critérios de fidelidade, ou seja, de rigor no emprego do processo; de validade (valor dos dados coletados); de qualidade (que trata da precisão dos dados); e de eficiência (que se refere ao custo da informação).

Conforme essas recomendações, elaborou-se o seguinte instrumento de coleta de informações.

5.2 — Instrumento

Foram elaboradas entrevistas semi-estruturadas com que se colheram dados sobre cotidiano, vida em comum, concepções diferentes entre os membros do casal, mudanças pessoais, participação, sonhos, realização e autonomia. Nas suas respostas, os sujeitos da pesquisa falaram de suas experiências com a criatividade na relação conjugal e de suas mudanças pessoais a partir do casamento.

5.3 — Participantes

Foram entrevistados 16 indivíduos casados, oito do sexo masculino e oito do sexo feminino, cujos dados estão resumidos no Quadro que se encontra no fim deste capítulo. No intuito de facilitar a aproximação com os participantes da pesquisa, optou-se pela indicação de amigos e conhecidos da entrevistadora. Esse critério de seleção baseia-se na orientação de Cruz Neto (1994), segundo a qual as informações de pessoas que mantêm laços de intercâmbio com os sujeitos por serem estudados permitem direcionar a pesquisa de acordo com objetivos predeterminados.

Todos os sujeitos pertenciam às camadas médias da capital do Rio de Janeiro. Essa população, já largamente estudada pela entrevistadora, tem mais fácil acesso à psicoterapia em consultório particular.

A fim de compor uma amostra homogênea, selecionaram-se indivíduos da faixa etária dos 31 aos 48 anos, com pelo menos um filho de mais de dois anos e um mínimo de três anos de casamento; para a autora, os três primeiros anos de casamento são anos de adaptação, e a dinâmica da vida conjugal dos casais com filhos é bem diferente da dos casais que não têm filhos. Houve ainda a preocupação de não escolher pessoas com filhos recém-nascidos, visto que nessa fase os cônjuges estão mais voltados para os papéis de pai e mãe em detrimento dos de marido e mulher. Foram escolhidos para fazer parte da amostra os indivíduos que tinham filhos por serem mais representativos da população que busca atendimento em consultório.

Manteve-se contato inicialmente com vinte pessoas. Destas, uma não concordou em dar informações sobre si e sobre a sua vida conjugal; uma mudou-se para outra cidade; e uma adoeceu gravemente. Por fim, para atender aos critérios de homogeneidade da pesquisa, excluiu-se um homem casado pela segunda vez havia cinco anos que tinha apenas um filho do casamento anterior com quem não residia. Os 16 sujeitos restantes manifestaram interesse explícito em participar da pesquisa.

Todas as pessoas estudadas tinham pelo menos o segundo grau completo e podiam ser assim discriminadas: 12 com terceiro grau completo, três com terceiro grau incompleto e um com segundo grau completo.

Os vínculos de matrimônio poderiam ser ou não formais. Doze participantes estavam no primeiro casamento, uma mulher e dois homens viviam o segundo e um homem casara-se novamente com a primeira mulher após 12 anos de separação.

5.4 — Procedimento

No período de fevereiro a junho de 1997, contataram-se vinte sujeitos, dos quais se elegeram, de acordo com os critérios já mencionados, os 16 que vieram a participar da pesquisa.

A aproximação inicial com os sujeitos foi feita por telefone, e vários deles tomaram conhecimento, de antemão, do interesse da entrevistadora por intermédio de pessoas conhecidas da autora. Explicaram-se de maneira geral a necessidade e os objetivos da entrevista, e marcou-se o encontro. No dia da entrevista, foram expostas com mais detalhes as razões e os objetivos da coleta de dados, sem se falar diretamente em criatividade. O dia, o horário e o local do encontro foram combinados de modo a evitar interferências no processo de investigação. Nesse aspecto, a cooperação das pessoas consultadas é digna de nota. Todas as entrevistas foram realizadas em ambiente tranquilo, e em todas elas eram evidentes o envolvimento e participação dos sujeitos em suas histórias particulares. Uma única pessoa mostrou-se reticente e resguardada ao responder às perguntas. Enquanto seus familiares permaneceram na sala, ela retirou-se para outro cômodo da casa, demonstrando preocupação com os que ficaram. Nesse caso, após a entrevistadora ter deixado clara a sua impressão sobre o que estava acontecendo, marcou-se outra data para a entrevista.

Entrevistou-se cada um dos sujeitos individualmente, uma vez que a entrevista com o casal implicaria a consideração de dimensões da conjugalidade que não faziam parte do escopo do estudo.

Informados de que a entrevista seria gravada e que suas declarações seriam mantidas em sigilo, todos os sujeitos expressaram concordância com o procedimento. Ao longo de cada entrevista, foram anotadas observações referentes a aspectos não verbais e/ou ambientais.

As entrevistas compreendiam questões abertas, e dava-se liberdade aos sujeitos para falar sobre o que quisessem dentro dos temas propostos. A entrevistadora intervinha somente em casos de dúvida sobre o que fora dito, para preencher lacunas ou quando o entrevistado fugia do tema. Desse modo, procurou-se respeitar os critérios de uma entrevista semi-estruturada, ou seja, articulou-se a modalidade estruturada com a não estruturada (Cruz Neto, 1994).

Uma entrevista-piloto serviu de orientação para as que vieram a seguir e que estavam pautadas nas seguintes questões:

- Fale-me sobre o dia-a-dia da sua vida conjugal.
- Num casal, nem sempre um membro tem o mesmo interesse que o outro. Quando isso ocorre, como vocês lidam com as diferenças?
- Você é capaz de identificar situações que favorecem e desfavorecem a vida em comum? Como o casal se comporta numa e noutra situação?
- Que mudanças o casamento ocasionou na sua vida?
- Diante da realidade da vida conjugal, os seus ideais acerca do casamento sofreram mudanças?

As questões suscitadas na entrevista-piloto corresponderam aos temas de investigação definidos previamente. Mantiveram-se, portanto, esses temas como categorias de análise nas entrevistas seguintes, sem que tal conduta impedisse o surgimento espontâneo de outras categorias que, pela sua constância no relato dos sujeitos, também fazem parte da discussão que se segue.

5.5 — Análise e discussão do material obtido

A análise e a discussão do material extraído das entrevistas tomou como base as formulações de Bardin (1977) e uma entrevista-piloto, como ponto de partida.

Com base nos resultados da entrevista-piloto, estabeleceram-se a princípio seis categorias de análise: cotidiano; interesses diferentes e relação conjugal; criatividade e vida em comum; transformações na relação a dois; mudanças pessoais a partir do casamento; e realização dos sonhos. Outras três categorias — filhos, sexo e dinheiro — foram agregadas ao corpo da pesquisa em razão da força e coerência com que surgiram no relato dos sujeitos.

5.5.1 — Cotidiano

A primeira categoria de análise refere-se à maneira pela qual cada sujeito lidava com o dia-a-dia da vida conjugal, tendo em vista as repetições características das atividades rotineiras. Como o convívio diário é propício à acomodação e ao tédio, observou-se o grau de acomodação e/ou tentativas de mudança presentes no cotidiano do casal.

A maior parte dos sujeitos preocupava-se com a rotina. No grupo estudado, 14 das 16 pessoas entrevistadas apresentaram implícita ou explicitamente essa preocupação. No entanto, apenas um homem e uma mulher afirmaram fazer alguma coisa para mudar a situação usando recursos variados como lazer, brincadeiras e cuidados pessoais. Dois sujeitos estavam conscientemente acomodados e conformados com a rotina diária.

As mulheres levantaram mais questões do que os homens e relacionaram aspectos negativos do cotidiano com a falta de investimento afetivo de si mesmas ou dos parceiros. Embora demonstrassem mais insatisfação com o dia-a-dia, as mulheres declararam esperar de seus companheiros a iniciativa de modificar a condição em que vivia o casal.

O cotidiano dificulta a vida criativa. Há resistência à mudança, que resulta em enfado e desânimo. Ao mesmo tempo em que as atividades repetitivas do convívio diário propiciam a estabilidade, podem cercear o casal, trazendo tédio e aborrecimento. Os bloqueios à criatividade relacionados por Zinker (1994) no capítulo 4 são evidentes no convívio diário.

Os homens, por sua vez, afirmaram sentir-se ora cobrados, ora propensos a agir. O discurso masculino, diverso do feminino, apontou para o convívio do-

miciliar diário como alívio para as tensões do trabalho, ressaltando que as mudanças no cotidiano afastam o tédio.

Conquanto mostrasse relacionamentos compartilhados, o discurso de alguns sujeitos revelou conversas superficiais e pouca aproximação no dia-a-dia. Aqui distingue-se um afastamento da fronteira de contato pelo risco que esse contato oferece (Polster & Polster, 1980; Tellegen, 1984). Observou-se ainda, no caso das mulheres, que as três entrevistadas mais velhas julgavam-se mais acomodadas. Nesse aspecto, os homens não demonstram diferenças significativas nas diversas idades. As pessoas (homens e mulheres) que usam mais recursos para mudar a rotina são as que parecem mais satisfeitas.

De modo geral, o depoimento de N. (homem), 41 anos, 16 de casado, ilustra o comportamento do casal no dia-a-dia:

— (...) A gente se encontra à noite e é uma confusão: filho, comida, televisão, trabalho (...) mas é bom. Às vezes, a gente sai para namorar; aí é bom. Ela diz que gosta das coisas que invento. É pena que a gente não tem muito tempo (...) mas é bom! — sorri.

Como foi visto nos capítulos anteriores, para lidar-se bem com a realidade, é preciso que haja repetições no convívio diário. No entanto, existe a necessidade de rupturas ocasionais da rotina, já que a falta de movimento empobrece o relacionamento.

5.5.2 — Interesses diferentes e relação conjugal

A categoria interesses diferentes e relação conjugal envolve a forma como são vividos os valores, interesses e opiniões de cada um na conjugalidade; a forma como são negociadas as diferenças; o grau de respeito às diferenças tanto em relação a si mesmo quanto em relação ao outro; e as áreas da vida em que as diferenças interferem de maneira mais ou menos decisiva. Permite ainda essa categoria verificar o grau de aceitação do outro e como o casal harmoniza individualidade e conjugalidade, permitindo ou não o fluir da fronteira do “eu” para a fronteira do “nós” e vice-versa.

A maior parte dos entrevistados buscava algum tipo de negociação mediante o diálogo, o consenso, as concessões, a conciliação. Um dos homens, por exemplo, referiu-se à tentativa de impor a sua vontade ocasionalmente, e três admitiram submeter-se à vontade da esposa para evitar conflitos.

— Acontece um negócio muito interessante; realmente (...) quando tenho interesse em alguma coisa, eu simplesmente abduco, para não haver confusão, para não haver problemas. — V. (homem), 45 anos, nove anos de casado.

Os homens salientaram que deve haver respeito às diferenças, mas pouco se avaliavam; seu comportamento limitava-se, de modo genérico, ao discurso.

— É tudo muito tranqüilo. Eu respeito demais a privacidade dela e ela respeita demais a minha — H. S., 31 anos, sete anos de casado.

As mulheres demonstraram mais preocupação em fazer coisas junto com os maridos, e deixavam transparecer conflito em relação ao privado e ao individual. Notava-se nelas maior desequilíbrio entre o individual e o conjugal: ora lutavam por respeito às suas diferenças, ora preferiam estar sempre junto aos maridos.

A maioria dos sujeitos procurava reservar um espaço para o privado ao lado da vida em comum, embora na população estudada tenha-se percebido na maior parte do grupo o conflito que as diferenças entre marido e mulher trazem. São conflitos ligados à fronteira do eu e à fronteira do nós (Zinker, 1994), em consonância com as questões da contemporaneidade. Como se viu no Capítulo 2, os papéis de homem e mulher não estão bem definidos, e a mulher demonstra que ainda não absorveu de todo os valores propagados pelas revoluções sociais da década de 1960. Observou-se ainda que as pessoas que tinham mais tempo de convívio sentiam-se mais confiantes para mostrar seus interesses pessoais e defender sua individualidade. É o que Winnicott (1965) e Zinker (1979) salientam, ao referirem-se à importância de um ambiente confiável para cada pessoa ousar a diferenciar-se.

No que se refere aos bloqueios a um viver criativo, pode-se notar a dificuldade de perceber totalidades e a decorrentes tendenciosidade seja para o âmbito individual, seja para o conjugal.

5.5.3 — Criatividade e vida em comum

Este tópico visava a observar como cada cônjuge contribuía para manter o relacionamento saudável. Assim, focalizaram-se os recursos usados com o fim de favorecer a vida em comum.

Foi este o item que trouxe mais variedade de respostas, e mostrou a singularidade de cada pessoa e a pluralidade dos mecanismos usados na relação conjugal. Podem-se destacar alguns aspectos, no entanto, que se apresentaram como gerais, a saber: amor, diálogo, romance, sexo, maturidade de cada membro, interesses semelhantes e aceitação das diferenças. Nesse ponto, os relatos confirmam o que foi visto no Capítulo 4; esses aspectos são considerados razão e resultado de uma vida a dois criativa. Destaca-se ainda o fato de os filhos e parentes da família de origem surgirem como favorecedores e/ou dificultadores da vida em comum. No caso específico dos filhos, as crianças pequenas, na visão dos participantes, interferem na vida em comum; por isso, dedicou-se uma categoria à parte para analisar esse problema. Com o mesmo intuito, reservou-se um item para as questões sexuais, uma vez que é significativo o fato de que os homens, em sua maioria, consideram bastante importante a satisfação sexual, ao passo que as mulheres enfatizam a necessidade de manter o romance.

Essa categoria temática aponta para a presença de recursos criativos atuantes no relacionamento que tornam a vida em comum mais satisfatória. Do ponto de vista da Gestalt-terapia, cabe ao terapeuta identificar como esses recursos estão se processando no engajamento amoroso, além de distinguir os impedimentos e os canais de contato com o novo (Ciornai, 1995).

5.5.4 — Transformações na relação a dois

Procurou-se investigar nesta categoria o quanto e de que maneira a interação do casal propicia mudanças e/ou favorece repeti-

ções, levando em conta o investimento e o comprometimento de cada um na atualização da relação.

— Hoje a gente está vivendo uma forma de vida completamente diferente do que era quatro ou cinco anos atrás; esses ciclos se modificam completamente (...) a nossa relação, a relação com os outros, quer dizer (...) o cotidiano em si. — F. (homem), 46 anos, 22 anos de casado.

Como F., todos os outros entrevistados relataram transformações bastante significativas no relacionamento. Homens e mulheres falaram da passagem da paixão para o amor, a amizade e o companheirismo. A maior parte deles considerou que as mudanças foram bastante positivas; houve crescimento na aliança e na cumplicidade, na intimidade e no respeito às diferenças. Mencionaram ainda a importância das crises que os modificaram, e nesse ponto referiram terem ficado mais autênticos. Alguns homens relataram que, na dinâmica da relação, alternam momentos de acomodação e momentos de mudança*. A maior parte das mulheres mostrou que, ao lado da maturidade que o convívio trouxe, desenvolveu-se uma individualização paralelamente maior. Vê-se nelas que também dão importância à intimidade e ao romance em si, enquanto os homens valorizam as mudanças na relação, e nesse sentido destacam a melhor qualidade da vida sexual.

A contribuição de cada membro do par para uma nova Gestalt, um novo organismo delimitado pela fronteira do nós, em casais predominantemente saudios, leva a transformações. Não havendo excesso de situações inacabadas, é possível um bom uso dos recursos criativos. As crises funcionam como terremotos que, apesar de causarem danos pela sua irrupção violenta, permitem uma nova (e às vezes melhor) acomodação do terreno.

* Um homem, que voltara para a mulher após 12 anos de separação, apontou mudanças negativas na relação e falou em acomodação e distanciamento. Ele reatara o casamento com a intenção de dar apoio emocional ao filho doente.

5.5.5 — Mudanças pessoais a partir do casamento

Nesta categoria, tratou-se de analisar as mudanças pessoais ocorridas em cada pessoa entrevistada a partir do casamento; direção que tomaram; as áreas da vida em que as mudanças se tornaram mais evidentes; e o nível de satisfação com as mudanças. Partiu-se do princípio de que a experiência do casamento produz mudanças em cada membro do par.

As mulheres demonstraram mais mudanças pessoais do que os homens. Em sua maioria, elas indicaram maior amadurecimento, autonomia, autoco-nhecimento, coragem e confiança em si. Para algumas, as mudanças foram favorecidas pelo parceiro, para outras, pela relação ou pelas crises vividas. Essas mudanças apontam para o que, na concepção de homem da Gestalt, chama-se auto-realização (Perls, 1951, 1975, 1977). Trata-se do movimento natural do indivíduo para satisfazer as suas necessidades em sua troca com o meio (Goldstein, 1961).

— Houve muitas mudanças pessoais e financeiras; tornei-me mais autônoma. Mudei até características de personalidade. — H. L. (mulher), 43 anos, 21 anos de casada.

Os homens citaram a transferência de aprendizagem das experiências na relação conjugal para as relações interpessoais de modo geral. Afirmaram terem desenvolvido mais responsabilidade, abertura a outros, respeito e aceitação pelos outros.

Ambos os sexos destacaram que amadureceram e cresceram individualmente. Treze dos 16 entrevistados consideravam as mudanças muito positivas. Dois homens e uma mulher referiram que se haviam anulado por causa do casamento, e um homem deu-se conta de que se distanciara afetivo-emocionalmente do convívio a dois.

5.5.6 — Realização dos sonhos

Identificaram-se os projetos, as expectativas, os planos e a direção que tomaram esses planos — individual ou coletiva. Revelou-se a adequação dos so-

nhos à realidade, as satisfações e insatisfações, assim como a forma de lidar com a frustração, aceitar erros e refazer ou recriar com base na realidade vivida.

No grupo estudado, as mulheres reconheceram sonhar mais do que os homens e depositar no casamento muita expectativa de realização tanto no que se referia à vida conjugal quanto à realização pessoal.

H. L., 43 anos (mulher), 21 de casada, expressou assim o que se passava consigo:

— Eu pensava assim aos 22 anos: “Pronto, agora achei o príncipe encantado e não preciso mais me preocupar com nada.” Foi a maior mudança. (...) Nem príncipe encantado nem relação encantada. Manter a paixão no dia-a-dia é muito complicado.

A maior parte dos sonhos e fantasias das mulheres dizia respeito à manutenção da paixão inicial. As mulheres de menos de 40 anos mantinham o sonho vivo e buscavam formas de reacender ocasionalmente a relação apaixonada, alternando momentos reais tranqüilos com momentos mais intensos. Duas mulheres mostraram-se decepcionadas. Outra alegou nunca ter sido apaixonada, e via-se realizada na relação, já que seus sonhos não eram tão ambiciosos.

As mulheres supriam boa parte das aspirações por intermédio dos filhos, e assim amenizavam outras aspirações. A. M. (mulher), 47 anos, casada havia 26, experimentava grande decepção e insatisfação com a vida a dois, já que, na sua concepção, transferira todo o amor ao pai e à mãe para o marido, criando uma enorme dependência emocional do companheiro.

De modo geral, o grupo feminino afirmou ter conseguido realizar parte dos seus sonhos. Ressalte-se que as decepções foram úteis em outras formas de aprendizado, principalmente no que concerne a autoconhecimento, vivência das diferenças e autonomia. É possível que as decepções permitam um melhor ajuste à realidade.

Com relação ao sexo masculino, verificou-se que os sonhos voltavam-se para o papel de homem, de mantenedor e cuidador, valores legitimados pela nossa cultura.

A maioria dos entrevistados pudera transformar seus sonhos adequando-os à realidade. F., homem, 46 anos, 22 anos de casado, por exemplo, afirma que seus sonhos foram realizados por caminhos diferentes daqueles que ele traçou. Dois homens falaram em não alimentar sonhos e fantasias, pois não estavam apaixonados. Ambos consideravam essa postura importante para uma relação duradoura, ao mesmo tempo que enfatizavam a importância de o par gostar-se e querer estar junto. Um homem encontrava-se totalmente insatisfeito e decepcionado:

— Não há mais paixão (...) não há mais amor; a gente está assim, numa vida acomodada, muito acomodada, não é? — D. (homem), 38 anos, 12 anos de casado.

Observou-se uma diferença entre os homens e as mulheres na forma de viver os projetos. As mulheres alimentavam-se dos sonhos, e os homens ajustavam-se à realidade. Verificou-se, no entanto, que a população masculina era mais acomodada do que a feminina. As mulheres mostravam-se, nesse sentido, mais lutadoras.

Existe um caráter intencional nas escolhas, nas combinações implícitas e na formação do universo conjugal, de modo diferente do universo individual. Identificam-se as formas diferentes de lidar com a ilusão decorrente da paixão inicial ante a realidade do convívio diário. Como mostra o Capítulo 4, a criação surge da fronteira entre o sonho e a realidade.

5.5.7 — Filhos

Os filhos formaram a primeira das três categorias que, durante as entrevistas, mostraram-se relevantes para esta pesquisa. Assim sendo, verificou-se a influência da prole na conjugalidade, em que medida os filhos solidificavam ou abalavam o vínculo conjugal e os recursos criativos utilizados em face das interferências dos filhos na relação conjugal. Buscou-se compreender a importância dos filhos na vida do casal, levando-se em conta os pólos de acomodação e transformação na dinâmica conjugal.

Chamou atenção inicialmente o fato de que todas as pessoas entrevistadas disseram que os filhos tanto favoreciam como dificultavam a vida a dois. Os relatos mostraram que no cotidiano os filhos ora afastavam o casal, ora promoviam uma relação partilhada ou de cobranças mútuas. Relembre-se que a fronteira casal—filhos não deve ser rígida nem permeável demais.

— A gente está sempre aprendendo com eles [os filhos]. — F. (homem), 46 anos, 22 anos de casado.

No caso de crianças pequenas, as alegações referiam-se à necessidade da ajuda de alguém que se encarregasse dos filhos, em geral um parente ou uma empregada. Há que considerar aqui a necessidade de uma boa discriminação, já que a presença de outras pessoas rapidamente conduz a histórias passadas, particularmente tratando-se de pessoas da família de origem. Algumas pessoas falaram na importância do filho para denunciar o que está acontecendo com o casal.

— As crianças observam (...) elas fazem com que a gente reflita sobre determinadas coisas. — V. (homem), 45 anos, nove anos de casado.

— O que fez mudar foi a vinda da G. Mudou demais a relação. — H. S. (homem), 31 anos, sete anos de casado.

Foi mencionado também que os filhos afastavam os cônjuges um do outro, já que os papéis de pai e de mãe às vezes tomavam a frente do de marido e esposa. Pode-se compreender como isso acontece quando se considera a fluidez, a rigidez e a permeabilidade das fronteiras de cada subsistema.

— Quando aparece a oportunidade de a filha da gente ficar com alguém, eu fico mais com ele e ele mais comigo. — C. (mulher), 32 anos, quatro anos de casada.

Verificou-se ainda que os sonhos de casamento da maioria dos entrevistados incluíam filhos. Para as mulheres, embora as crianças pequenas e os adolescentes exercessem influência negativa no casamento, os filhos eram motivo de muita realização. Por outro lado, para os homens, os filhos eram razão de preocupação, uma carga de responsabilidade. Três homens alegaram manter o casamento por causa dos filhos.

— A gente não está separado hoje, acredito, por causa de uma comodidade financeira e de uma comodidade psicoemocional para os filhos. — D. (homem), 38 anos, 12 anos de casado.

Nesta categoria, tornam-se bastante claros alguns dos bloqueios relacionados por Zinker (1994) no capítulo 4, como fugir da dor e evitar frustração (“os filhos não trazem só alegrias”).

5.5.8 — Sexo

O sexo é uma área da vida de relação que estimula novas descobertas e exige que os parceiros acionem seus recursos criativos a fim de manter o interesse mútuo. Com base no relato dos entrevistados, buscou-se compreender como e em que medida a criatividade estava presente na vida sexual das pessoas casadas no grupo estudado.

Ao referirem-se ao cotidiano, os entrevistados citaram bastante as escapadelas do casal para hotéis ou pequenas viagens, quando a atividade sexual se faz de forma mais intensa e rica. As mulheres falaram sobre preparar-se para esperar o marido, exprimindo involuntariamente o jogo necessário para uma vida sexual mais plena. Alguns sujeitos citaram o enlevo a que certos programas levavam e os encontros conseqüentemente mais íntimos. Por outro lado, as repetições, as acomodações e a rotina refletiam-se na vida sexual do casal; as mulheres, em particular, que alimentavam o lado romântico, sentiam-se desestimuladas. Entre os homens entrevistados, os que se viam mais acomodados também admitiam uma vida sexual empobrecida.

Quando indagados sobre a maneira de lidar com as diferenças, a maioria dos sujeitos enfatizou a fidelidade conjugal. A tendência monogâmica é mantida no casamento contemporâneo. Quanto à vida sexual do casal, as principais mudanças que os homens indicaram relacionavam-se com uma maior preocupação com o outro; a atividade sexual era mais compartilhada.

A satisfação sexual foi considerada por seis dos oito homens entrevistados como favorecedora da vida em comum. Relativamente às mulheres, muitas vezes esse tema vinha implícito, sem que houvesse separação entre romance e

sexo. Três mulheres declararam explicitamente que o sexo era importante para a vida a dois. Manifestava-se nelas grande preocupação com a qualidade da relação sexual, e algumas ressaltaram a cobrança dos homens de maior número de intercursos sexuais.

— Mudou a qualidade de prazer, mesmo de orgasmo, de entrega. — D. F. (mulher), 36 anos, nove anos de casada.

Quando indagados sobre as mudanças na relação a partir do casamento, a maior parte do grupo apontou para uma melhor qualidade da vida sexual.

— A experiência da vida em comum melhorou a vida sexual. — H. S. (homem), 31 anos, sete de casado.

— Eu tenho muito tesão pela D. e ela por mim. Esse ganho qualitativo faz com que o convívio fique melhor. — H. S. (homem), 31 anos, sete de casado.

— A nossa vida sexual é muito boa (...) mas eu queria mais (...) é muito pouco (...) às vezes a gente passa dias sem dar um beijinho. — N. (homem), 41 anos, 16 anos de casado.

É interessante, nesse aspecto, salientar que as pessoas insatisfeitas, acomodadas ou distanciadas da vida conjugal não tocaram nessa questão ou a ela se referiram de maneira superficial. É possível que esses indivíduos estivessem tão enredados com situações antigas sem resolução que não podiam perceber ou discriminar o que é uma vida sexual de qualidade. As questões não resolvidas tornam a fronteira de contato rígida e impedem um melhor ajustamento criativo.

Ao se referirem à realização dos sonhos, alguns entrevistados insistiram na expectativa de uma vida sexual mais intensa, mais freqüente, ao mesmo tempo que destacaram uma melhora qualitativa, ajustando o sonho à realidade.

A propósito da vida sexual, verificou-se ainda a importância da busca de prazer compartilhado e uma preocupação com o prazer do parceiro. A vida sexual é uma dimensão da conjugalidade que, pela proximidade e intimidade dos parceiros, muito facilmente remete a dupla a situações do passado que podem, pela forma com são experienciadas por cada um e pelo resultado do conluio inconscientemente compartilhado (Almeida-Prado, 1997), favorecer ou dificultar o

uso da criatividade. Esse é um aspecto que já foi discutido nos Capítulos 2 e 4 e que se confirma na vivência dos entrevistados.

5.5.9 — Dinheiro

As questões por que passa a classe média brasileira em face das constantes mudanças na política econômica do país, e o fato de ser o dinheiro um símbolo de poder, posição e autonomia, e por fim sendo este tema bastante abordado pelos entrevistados, achou-se relevante examinar a força que exerce o dinheiro na relação a dois; o quanto pode propiciar ou não uma vida mais criativa; como a forma de lidar com o dinheiro na relação a dois evidencia o investimento na vida conjugal ou nos empreendimentos de cada um. Esta categoria analisa a dimensão da preocupação dos sujeitos investigados correlacionando-a com os aspectos culturais dos papéis da mulher e do homem. Emergem, assim, traços de dependência, independência, partilha, compromisso e responsabilidades expressos nas declarações que se seguem.

— Minha relação com o dinheiro mudou muito. Comecei a ter necessidade de dinheiro para ter poder na relação, para que minhas opiniões tivessem mais peso nas decisões. — C. (mulher), 32 anos, quatro anos de casada.

— Eu sonhava estar bem, estabilizada financeiramente. — S. (mulher), 31 anos, seis anos de casada.

— Antes do casamento, o meu dinheiro dava, eu me dava ao luxo de ter camisas de seda. Hoje em dia eu penso trezentas vezes antes de comprar alguma para mim. — V. (homem), 45 anos, nove anos de casado.

— Eu botava na minha cabeça que se você não tiver uma vida financeira estável, o casamento não vai durar muito. — V. (homem), 45 anos, nove anos de casado.

Em alguns sujeitos, verificou-se que a crise econômica justificava a acomodação das pessoas. Da mesma forma, a estabilidade econômica era vista como favorecedora da vida em comum. Os sonhos de uma vida economicamente estável eram comuns à maior parte dos entrevistado; nesse ponto, a maioria dos sujeitos não se sentia realizada. As mulheres destacaram a importância de dis-

por de seu próprio dinheiro para se tornarem mais autônomas e terem poder de decisão. Elas enfatizaram a importância de ter liberdade econômica para uma relação igualitária. Os homens, que em geral se preocupavam mais com o dinheiro, relacionaram-no à realização profissional, componente importante dos sonhos por se realizarem no casamento. Enquanto para os homens o proveito do dinheiro era a realização de planos em conjunto, para as mulheres era um fator importante para a realização pessoal.

O dinheiro apareceu ainda como favorecedor da ajuda mútua, do diálogo participativo e da escolha em conjunto do que fazer, nesse caso referindo-se especificamente ao lazer e a atividades sociais.

Ao mesmo tempo em que a categoria dinheiro evidencia os valores impressos nos entrevistados pela cultura e pela sociedade, é por meio desses mesmos valores que cada membro do casal se movimenta ou não para se tornar mais criativo pessoalmente e como casal. Nesse sentido, o Gestalt-terapeuta, preocupado com o homem em relação (Capítulo 3), não pode deixar de considerar o contexto em que se insere a pessoa que busca ajuda para favorecer nela uma melhor integração. Trabalhando na fronteira de contato, tornando-a mais permeável, estimula-se o ajustamento criativo.

Classificação dos participantes da pesquisa de campo.

	Sexo	Idade	Tempo de casado	Profissão	Quantidade de filhos	Idade dos filhos
S.	F	31	6	—	1	3
H. S.	M	31	7	Militar	1	2
C.	F	32	4	Médica	1	4
X.	F	32	11	Fisioterapeuta	2	5 e 1
D. F.	F	36	9	Professora	2	7 e 4
D.	M	38	12	Bancário	2	8 e 9
A. S.	M	39	4	Assistente social	1	3
A.	M	40	12	Engenheiro	1	4
N.	M	41	16	Comerciante	3	10, 12 e 15
H. L.	F	43	21	Psicóloga	3	16, 18 e 19
E.	F	44	22	—	2	18 e 20
V.	M	45	9	Administrador de empresas	3	3, 4 e 8
O. T.	F	46	25	Assistente social	1	17
F.	M	46	22	Engenheiro	2	19 e 21
A. M.	F	47	26	—	2	11 e 21
H.	M	48	4*	Psicólogo e militar	5	14, 19, 20, 22 e 24

* Casou-se pela primeira vez em 1972. Recasou-se com a mulher em 1993.

6 — CONCLUSÕES

É exatamente isso que fazemos quando embarcamos na aventura de amar outro ser humano. Aprendemos, da maneira mais fácil ou mais difícil, a cultivar a receptividade e a recíproca emancipação expressiva..
Stephen Nachmanovitch

As categorias analisadas levaram a conclusões que foram interpretadas segundo a ótica da literatura consultada, exposta nos Capítulos 2, 3 e 4.

Os recursos criativos são utilizados de formas variadas nas diferentes áreas da vida a dois. Os entrevistados demonstraram nos relatos a importância da recriação na vida do casal. Os dados mostram que as pessoas casadas que investem sua criatividade no relacionamento amoroso são as que estão mais satisfeitas. Nessas pessoas, os conflitos, as tensões, as dúvidas e as crises ocasionais são fatores que impulsionam o agir criativo. Por outro lado, os entrevistados mais acomodados são os mais insatisfeitos no relacionamento. Alguns desses sujeitos empregam a criatividade em favor do crescimento individual enquanto enfraquecem o vínculo conjugal, criando entre si e o par áreas de silêncio, excesso de privacidade e distanciamento. Da mesma forma, a maior parte desses sujeitos demonstrou acomodação em outros setores da vida particular, denotando serem caracteristicamente acomodados e/ou submissos. Vivem de maneira pobre, e respondem às questões conjugais sempre da mesma maneira. Essas pessoas vivem na camada postíca ou “como se” e não têm o auto-suporte necessário para abandonar respostas obsoletas.

Conclui-se que a forma de encarar as situações referentes à conjugalidade pode funcionar como estímulo ou empecilho ao florescimento da relação. Os recursos criativos, como capacidade discriminatória, convívio com dúvidas e ambigüidades e disposição para correr riscos e experimentar possibilidades, estão aqui presentes.

Quanto ao uso da criatividade na vida pessoal de cada parceiro a partir do casamento, constatou-se uma acentuada diferença entre as mulheres

e os homens. Nas mulheres, o casamento, saudável ou não, leva-as a uma melhor utilização dos recursos criativos, de modo mais autônomo, mais confiante e empreendedor. Os homens se valem da experiência do relacionamento conjugal para aprimorar as suas relações interpessoais. As mulheres, assim, ainda buscam no casamento um meio de libertação, e o suporte fornecido ou não pelo pai é levado para a relação com o marido, e este, numa função paterna, fornece o apoio necessário para que ela se apresente ao mundo. É nítida, pois, a influência de modelos passados na relação presente. A vida conjugal pode favorecer a individualidade quando há suficiente flexibilidade e abertura para ampliar as fronteiras do eu de homens e mulheres.

Os homens apontam para a busca de maior estabilidade no casamento e não apresentam tantos conflitos de autonomia, pois mesmo antes do casamento já exercitam esse atributo. Entretanto, a vida compartilhada, a ajuda mútua, o diálogo e a empatia são aspectos consagrados pela cultura como mais desenvolvidos no sexo feminino e servem de aprendizado que os homens levam para outros relacionamentos. Assim, os homens recebem das mulheres — como se elas fossem mães — as normas de bons contatos com o mundo.

A análise do *cotidiano* permite que se conclua que residem no dia-a-dia os principais impedimentos a um viver criativo. No cotidiano são confrontados todos os valores pessoais. Além disso, a idéia ilusória de que existe satisfação total é posta em cheque. De modo geral, o que fica mais evidente é a tensão gerada pela coexistência de valores por vezes contraditórios. Observou-se que na maioria das pessoas entrevistadas existe um certo embotamento no uso dos recursos criativos, no convívio diário, e as repetições sobressaem, impedindo um contato efetivo com o novo. Tal fato mobiliza as mais variadas reações, que vão da acomodação à inquirição constante. Os questionamentos partem mais das mulheres, que não aceitam abrir mão facilmente dos seus sonhos de unidade e esperam que os homens modifiquem de alguma forma a situação. Resulta daí ora boas transformações, ora um grande distanciamento, ora um excesso de acomodação. Os casais não conseguem abrir-se para novos valores que os levariam ao crescimento mútuo. É nesses casos que os indícios de pouca saúde e pou-

quíssima mudança estão presentes. Nesse particular, muitos indivíduos demonstraram que na vivência do cotidiano o clima não é muito propício à criação; conformam-se em viver na camada postíca (Perls, 1975), atrelados a regras externas, investindo pouco de si mesmos.

Os indivíduos que se dispõem a arriscar mais no dia-a-dia sentem-se mais satisfeitos. Nesses casos, o brincar, o compartilhar, a coragem de ousar um comportamento novo, o diálogo, os jogos de sedução e a aceitação das ambigüidades estão a favor da conjugalidade saudável e criativa. Os sujeitos que participam ativamente na relação conjugal são os que melhor usam seus recursos criativos. Para eles, as mudanças que resultam em uma relação mais plena dependem do investimento que realizam.

A respeito dos *interesses diferentes na relação conjugal*, constatou-se de maneira clara o conflito entre o que é do âmbito do individual e o que é do âmbito do conjugal nos homens e nas mulheres, embora de formas diferentes. Na verdade, o fluir da fronteira do eu para a fronteira do nós não se faz harmoniosamente nos sujeitos entrevistados. As mulheres dão muita importância ao desejo de serem respeitadas em sua individualidade, ao mesmo tempo que enfatizam a importância de marido e mulher terem atividades conjuntas.

No grupo feminino fica claro o impasse sobre o desejo de um espaço privado: ora reclamam da privacidade dos maridos, ora esperam permissão deles para terem a sua privacidade. Os homens falaram teoricamente da importância de respeitar a individualidade do outro, mas na prática submetem-se, ou impõem, ou ainda se mantêm num relacionamento distante, isolados do convívio conjugal. As entrevistas mostraram também que as mulheres que trabalham e têm certa independência econômica sentem-se mais seguras para lutar pela sua individualidade. Em algumas delas, evidenciou-se certo espírito de competição, demonstrando que os papéis de homem e mulher nos casamentos atuais não estão muito definidos. O que se percebe nesse caso é que as fronteiras do eu e do nós são lugares de risco de perda da individualidade ou de distanciamento, onde os que ousam mais têm maior possibilidade de estabelecer vínculos mais satisfatórios.

Pelo fato de os limites não serem bem definidos, e pelo dinamismo próprio das fronteiras, é necessário boa capacidade de discriminação e confiança para um movimento mais fluido. No entanto, os valores de individualidade e privacidade ainda não foram totalmente assimilados, e há rigidez na fronteira e prejuízo para o contato saudável. Os ritmos de união e separação denunciam interferências de vivências subjetivas que impedem uma troca mais satisfatória. A criatividade é aplicada a conciliar as diferenças, e os recursos utilizados apontam para as mais diversas formas de negociação citadas na análise do material obtido (Capítulo 5).

A categoria *criatividade e vida em comum* mostrou como cada cônjuge contribui para um convívio mais vibrante. Apesar de toda a singularidade e dos estilos pessoais apresentados, o que se identificou quase com unanimidade foi a importância de compartilhar. Observou-se o quanto a relação conjugal como um todo depende da possibilidade de contatos sadios entre o esposo e a esposa. Nesse sentido, é preciso que ambos sejam maduros e tenham suporte para que os encontros de um com o outro resultem em ajustamentos criativos que intensifiquem o relacionamento do casal.

Nas pessoas entrevistadas, os recursos criativos são mobilizados mais intensamente na vida sexual, na manutenção do romance e no cuidado com os filhos. Com esses recursos pessoais, as pessoas casadas quebram antigos valores, libertam-se de modelos perniciosos, e daí eclodem mudanças. Os relatos demonstraram que muitos fatores influem na vida em comum, e os resultados dependem não só de como cada um usa seus recursos, mas também de como esses recursos refletem-se no companheiro.

Confirma-se com a categoria *transformação na relação a dois* que o casamento vai-se fazendo dia após dia e que a interação dos cônjuges propicia mudanças pela utilização dos recursos criativos. Esse tema mostrou outra faceta do cotidiano como favorecedor de um melhor contato com a realidade e que as escolhas não se fazem de forma tão ingênua quanto se possa supor.

A categoria em questão indica que os cônjuges favorecem mudanças mutuamente, e essas mudanças produzem transformações na conjugalidade.

Constatou-se que no relacionamento a dois, enquanto a paixão diminui, o vínculo conjugal amadurece. A experiência transformadora do casamento segue do desejo de um convívio mais indiferenciado para uma vida mais compartilhada, da qual as diferenças também fazem parte. Essa seqüência foi vista pelas pessoas entrevistadas como construtivas.

As *mudanças pessoais a partir do casamento* foram mais claras nas mulheres. Há que pensar que o universo conjugal é o porto seguro de onde elas podem experimentar novas formas de ser. Dessa maneira, emergem da relação de casamento mulheres mais autônomas, mais independentes e com mais expressão no mundo. Muitas delas relatam o quanto cresceram profissional e economicamente. Do ponto de vista da criatividade, pode-se dizer que, pelo fato de serem mais inquiridoras, abrem mais espaço para a emergência de novas soluções. Percebe-se nelas maior número de tentativas de mudança, a demonstrar mais coragem para arriscar o novo. Mesmo quando as condições do casamento são adversas, há um grande empenho no crescimento pessoal. Esse empenho dirige-se para mais independência e uma relação mais igualitária com o homem.

De maneira diferente, os homens demonstraram que suas mudanças evoluem de um tipo de vida mais centrada em si mesmos para uma forma mais interativa e altruísta para com o mundo. Assim, os homens relataram que se tornaram mais abertos, mais compreensivos e mais solidários a partir do casamento. Pode-se imaginar que cada pessoa casada busca no relacionamento a dois os elementos que favoreçam o desenvolvimento organizacional, empregando para isso os seus recursos criativos (Perls, 1951).

A categoria *realização dos sonhos* trouxe muitos subsídios no que se refere ao tema pesquisado. A maneira pela qual os sonhos individuais se unem no casal mostrou como surge uma nova totalidade formando uma nova Gestalt, que contém os elementos de sonhos e fantasias pessoais, mas que são expressos em uma outra realidade. Quanto aos planos conjuntos, a maioria dos entrevistados afirmou ter realizado boa parte dos sonhos. Nesse sentido, percebeu-se que as histórias pessoais se mesclaram a partir das escolhas feitas e levaram a mudanças que dinamizaram o casamento.

A mudança da paixão para o amor companheiro é bastante crítica nos casais, já que grande parte dos sujeitos entrevistados casaram apaixonados. No entanto, foi justamente aí que se identificaram as formas peculiares de lidar com essa passagem. Ocorre que, no momento em que os sonhos e idealizações são frustrados, é que as pessoas podem adequar-se melhor à realidade presente.

O fato de as mulheres se esforçarem mais para manter um clima de paixão dá à relação um caráter de mais intensidade afetivo-emocional. Os homens, por outro lado, sendo mais realistas, favorecem a demarcação de um limite mais claro entre o possível e o desejável. Assim, o senso de realidade favorece a discriminação e permite que o vínculo conjugal seja experimentado como seguro. Talvez esse fato explique a confiança que grande parte das mulheres tem em desenvolverem-se individualmente tanto nas conquistas como nas frustrações. Entre os sujeitos que se sentiam mais realizados, verificou-se que as mulheres buscavam a realização por meio de questionamentos e da ousadia, ao passo que os homens forneciam apoio, amizade, estabilidade e participação.

Constata-se na sétima categoria a influência decisiva que os *filhos* exercem na vida do casal. Tal influência ora aproxima ora distancia o par. Os relatos mostraram que, quando a fronteira da conjugalidade está bem definida, a influência dos filhos se faz de forma benéfica para o casal. Algumas pessoas, no entanto, não conseguem discriminar o que é do subsistema casal e o que é do subsistema pais (Zinker, 1994). Não havendo diferenciação, um e outro subsistemas ficam sem os limites necessários para uma troca saudável. Nessas circunstâncias, existe uma constante intromissão do subsistema filhos no universo conjugal.

Justifica-se que os filhos menores exerçam influência mais negativa, porque, em primeiro lugar, enquanto os filhos são pequenos os casais ainda não se adaptaram a essa nova realidade; em segundo lugar, porque a criança pequena demanda mais atenção física, mais proximidade e cuidados pessoais por parte dos pais e, de acordo com os relatos, mais ainda por parte das mães. Contudo, as pessoas entrevistadas investem muito de sua criatividade na maneira de li-

dar com a interferência dos filhos no vínculo conjugal. Nesse sentido, buscam novas soluções. A colaboração de parentes, amigos ou da empregada doméstica são bem-vindas para o casal. A divisão de tarefas também foi muito apontada.

Os filhos fazem parte dos planos da maioria das pessoas entrevistadas, e talvez por isso haja um esforço para que eles enriqueçam a vida do casal. As mulheres, sobretudo, mostraram que os filhos são ainda um grande fator de realização.

Tanto nos homens quanto nas mulheres os filhos influem na manutenção do casamento, sem que eles necessariamente colaborem para uma vida conjugal criativa. As entrevistas mostraram que os sujeitos acomodados também manifestam inércia no que se refere à interação casal—filhos. Mais do que isso, alegam que não promovem mudanças por causa dos filhos. Esses sujeitos temem rupturas e pouco se arriscam.

A penúltima categoria, *sexo*, é uma área extremamente sensível às alterações da vida em comum. As pessoas mais acomodadas expressaram dificuldades na vida sexual, o que se justifica pelo pouco investimento e pela dificuldade de explorar e arriscar novos comportamentos. Nessas pessoas, à medida que a paixão inicial diminui, o sexo torna-se mais desmotivante, sendo impossível descobrir saídas inovadoras que certamente enriqueceriam o relacionamento.

Situações inacabadas do passado enrijecem as fronteiras individuais, sem que haja contato saudável que favoreça o ajustamento criativo do casal. Dessa maneira, também na vida sexual, a repetição e a não-discriminação levam à estagnação. Tratando-se de uma fronteira rígida, não há como lidar com os limites de maneira criativa. Ao contrário, os entrevistados mais realizados sexualmente foram os que se mostraram mais abertos para aprender e os que alegaram que a experiência torna a vida sexual cada vez melhor. Para eles, a área sexual favorece grandes descobertas. Nesses indivíduos o sonho de ter uma vida sexual satisfatória fundiu-se com o dos parceiros, e então ficou evidente a importância do prazer compartilhado.

Homens e mulheres apresentaram diferenças consideráveis no que se refere a sexo. Também nessa categoria constatou-se que as mulheres não abrem mão facilmente dos seus sonhos e que por isso mesmo contribuem com suas fantasias de amor e unidade para uma vida sexual mais satisfatória. Os homens, comumente mais realistas, aprendem a apreciar a qualidade sonhadora da mulher, já que para eles a satisfação sexual é favorecedora da vida em comum. Para a mulher, o amadurecimento da relação permite uma entrega maior. Para os homens, o sexo é descoberta constante .

Tanto os homens quanto as mulheres precisam abrir mão do prazer individual e particular em favor do prazer da dupla. O fluxo de separação e união torna os contatos sexuais mais vibrantes. Uma grande transformação se faz na vida do casal quando podem ser incluídas na relação as diferenças entre as características que são vistas como masculinas e as que são tipicamente femininas.

Finalmente, a categoria *dinheiro* indicou que no grupo estudado a questão econômica exercia muita influência na maneira de utilizar os recursos criativos na vida conjugal. Num primeiro momento, pôde-se constatar o quanto a estabilidade econômica era sonhada e desejada, além de ser vista como favorecedora da vida em comum. De fato, na realidade dos sujeitos — integrantes da classe média — não havia como pensar em lazer, em mudança no cotidiano, em disponibilidade de ajuda para encarregar-se dos filhos sem a quantidade de dinheiro necessária para isso. Os homens, mais pressionados pela sociedade, demonstraram conflitos não só com relação à manutenção do lar, mas também na promoção de mudanças no convívio a dois em função da sua situação econômica. Eles, que ainda estão impregnados do papel de mantenedor da família, sentem-se frustrados quando não podem acorrer com o dinheiro nos momentos de necessidade.

Os homens valorizavam a idéia de chefe da família, e talvez por isso os sonhos de progresso econômico se manifestassem de maneira mais intensa em seus relatos. Nas mulheres, a preocupação com o dinheiro dirigia-se para seus planos individuais. A maioria delas desejava uma relação mais igualitária. O

discurso feminino mostrou-se bastante impregnado dos movimentos sociais da década de 1960, embora os valores dessa época não estivessem totalmente absorvidos por mulheres e homens. Mas é nesse contexto que a questão econômica tomou força e o grupo feminino passou a lutar por mais individualidade.

O dinheiro como símbolo de autonomia e poder de decisão era preocupação de quase todas as mulheres. Na vida em comum, o dinheiro apareceu como favorecedor da ajuda mútua, da escolha conjunta, permitindo que o casal desfrutasse mais as atividades sociais e de lazer. As pessoas que apreciavam mudanças usavam melhor o dinheiro no que lhes dava satisfação. As mais acomodadas justificaram sua estagnação pelas dificuldades econômicas.

Ao término dessas conclusões, identifica-se o conjunto de forças que atuam na conjugalidade favorecendo ou dificultando o relacionamento do casal e o crescimento pessoal de cada cônjuge. Verificou-se a relevância dos conceitos de fronteira, contato e ajustamento criativo para a compreensão da relação entre saúde e criatividade no universo conjugal. Oferece-se, com esses elementos, uma contribuição para o trabalho com casais na abordagem gestáltica.

7 — REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

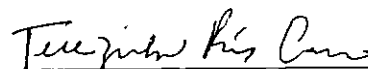
- ALMEIDA-PRADO, M. C. (1997). Eusébio, uma espécie do masculino. *In:* BOECHAT, W. (org.). *O masculino em questão*. Petrópolis, Vozes.
- ANGELO, C. (1995). A escolha do parceiro. *In:* ANDOLFI, M., ANGELO, C. SACCU, C. (orgs.). *O casal em crise*. São Paulo, Summus.
- BADINTER, E. (1986). *Um é o outro*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- BARDIN, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa, Edições 70.
- BRUYNE, P., JACQUES, H. e SCHOUTHEETE, M. de. (1991). *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais*. Rio de Janeiro, Francisco Alves.
- CALIL, V. L. (1987). *Terapia familiar e do casal*. São Paulo Summus.
- CARDELLA, B. H. (1994). O amor e suas manifestações na relação terapêutica. *Revista de Gestalt*. 1994, 3:57-65. São Paulo, Departamento de Gestalt-terapia do Instituto Sedes Sapientiae.
- CIORNAL, S. (1995). Relação entre criatividade e saúde na Gestalt-terapia. *Revista do I Encontro Goiano de Gestalt-terapia*. 1995, 1:72-75. Goiânia, Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia.
- CRUZ NETO, O. (1994). O trabalho de campo como descoberta e criação. *In:* *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, Vozes.
- FÉRES-CARNEIRO, T. (1987). Aliança e sexualidade no casamento e no recasamento contemporâneo. *In: Psicologia: teoria e pesquisa*. 1987, 3 (3), 250-261. Brasília.
- ____ (1996). *Família, diagnóstico e terapia*. Petrópolis, Vozes.
- FREUD, S. (1908 [1907]). Escritores criativos e devaneio. *In: ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1969. vol. IX, pp. 24-76.
- ____ (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. *In: ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1969. vol. XII, pp. 277-286.
- ____ (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. *In: ESB*. Rio de Janeiro, Imago, 1969. vol. XIV, pp. 89-119.
- GIDDENS, A. (1992). *Transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo, Unesp, 1993.

- GINGER, S. & GINGER, A. (1995). *Gestalt: uma terapia de contato*. São Paulo, Summus.
- GOLDSTEIN, K. (1961). *La naturaleza humana a la luz de la psicopatología*. Buenos Aires, Paidós.
- ____ (1934). *The organism: a holistic approach to biology derived from pathological data in man*. (Prefácio de Oliver Sacks.) Nova York, Zone Books, 1995.
- HINSHELWOOD, R. D. (1991). *Dicionário do pensamento kleiniano*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.
- HYCHNER, R. (1995). *De pessoa a pessoa: psicoterapia dialógica*. São Paulo, Summus.
- KERNBERG, O. F. (1995). *Psicopatologia das relações amorosas*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.
- KLEIN, M. (1959). Nosso mundo adulto e suas raízes na infância. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Obras completas de Melanie Klein. Rio de Janeiro, Imago, 1991. vol. III
- ____ et al. (1952). *Os progressos da psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- KOFFKA, K. (1975). *Princípios de psicologia da Gestalt*. São Paulo, Cultrix.
- LAMANNO, V. L. C. (1993). *Repetição e transformação na vida do casal: a psicoterapia do casal*. São Paulo, Summus, 1994.
- ____ *Relacionamento conjugal: uma abordagem psicanalítica*. São Paulo, Summus, 1990.
- LASCH, C. (1979). *Refúgio num mundo sem coração; A família: santuário ou instituição sitiada?* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.
- LEMAIRE, J. G. (1979). *Le couple: sa vie, sa mort: la structuration du couple humain*. Paris, Payot.
- LEWIN, K. (1973). *Princípios de psicologia topológica*. São Paulo, Cultrix.
- MAY, R. (1975). *A coragem de criar*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1997.
- MOREL, D. (1988). *Ter um talento, ter um sintoma: as famílias criadoras*. São Paulo, Escuta, 1990.
- NACHMANOVITCH, S. (1990). *Ser criativo: o poder da improvisação na vida e na arte*. São Paulo, Summus.

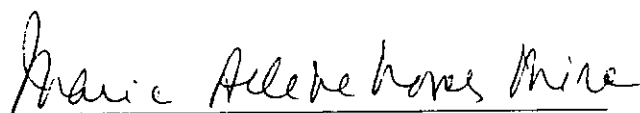
- NOVAES, M. H. (1975). *Psicologia da criatividade*. Petrópolis, Vozes, 1975.
- OSTROWER, F. (1977). *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis, Vozes, 1987.
- PERLS, F. S. (1969). *Gestalt-terapia explicada*. São Paulo, Summus, 1977.
- ____ et al. (1951). *Gestalt-therapy: excitement of the human personality*. Nova York, Del Pub. Co.
- PERLS, F. S. & STEVENS, J. O. (1975). *Isto é Gestalt*. São Paulo, Summus, 1977.
- POLSTER, E. & POLSTER, M. (1979). *Gestalt-terapia integrada*. Belo Horizonte, Interlivros.
- ROGERS, C. R. (1980). *Um jeito de ser*. São Paulo, EPU, 1983.
- SANTOS, B. S. (1995). *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo, Cortez.
- SATIR, V. (1980). *Terapia de grupo familiar*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1993.
- SEGAL, H. (1991). *Sonho, fantasia e arte*. Rio de Janeiro, Imago, 1993.
- SWIMME, B. (1984). *O universo é um dragão verde*. São Paulo, Summus.
- TELLEGEN, T. A. (1984). *Gestalt e grupos: uma perspectiva sistêmica*. São Paulo, Summus.
- VAITSMAN, J. (1994). *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro, Rocco.
- VIRGOLIM, A. M. R. & ALENCAR, E. M. (orgs.) (1994). *Criatividade: expressão e desenvolvimento*. Petrópolis, Vozes. pp. 15-22.
- VON BERTALLANFY, L. (1972). General systems theory: a critical review. In: BRISHON, H. e PETERS, G. (eds.). *Systems behaviour*. Londres, Open University Press.
- WINNICOTT, D. W. (1958). *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.
- ____ (1965). *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo, Martins Fontes, 1993.

- ___ (1979). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.
- ZINKER, J. M. (1979). *El proceso creativo en la terapia gestáltica*. Buenos Aires, Paidós.
- ___ (1994). *In search of good form: Gestalt-therapy with couples and families*. San Francisco, Jossey-Bass Publishers.

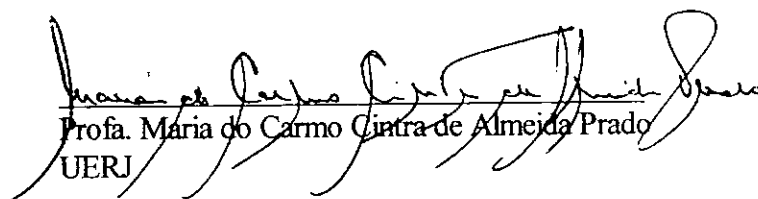
Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna Terezinha Mello da Silveira intitulada "A construção criativa na vida do casal: Limites e possibilidades do casamento contemporâneo", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:



Prof. Terezinha Féres Carneiro (Orientadora)
PUC-Rio

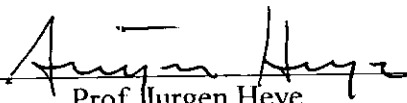


Prof. Maria Helena Novaes Mira
PUC/Rio



Prof. Maria do Carmo Cintra de Almeida Prado
UERJ

Visto e permitida a impressão
Rio de Janeiro, ..30..10.../1998.



Prof. Jurgen Heye
Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas